

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

VANESSA CARGNIN DE CALDAS

TRANSGRESSÕES FÚNGICAS DA EPISTEME

Uma etnografia das narrativas e ressonâncias discursivas sobre cogumelos psicodélicos na
ilha de Santa Catarina

FLORIANÓPOLIS

2018

Vanessa Cargnin de Caldas

TRANSGRESSÕES FÚNGICAS DA EPISTEME

Uma etnografia das narrativas sobre cogumelos psicodélicos na ilha de Santa Catarina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Antropologia, da Universidade Federal de Santa Catarina. Como requisito parcial à obtenção do título de antropóloga.

Orientador: Alberto Groisman.

FLORIANÓPOLIS

2018

RESUMO

Esta etnografia é um estudo que *aponta* para as complexidades e para a existência de ressonâncias discursivas sobre narrativas de sujeitos que se envolveram em experiências com o cogumelo “psicoativo” *Psilocybe cubensis*. Numa problematização por categorias generalizantes sobre substâncias psicoativas, encontro, em conjunto aos sujeitos de pesquisa, compreensões “outras” sobre o uso do cogumelo e, portanto, uma possibilidade “transgressiva” de pensar o uso de “psicoativos”. Os cogumelos psicoativos, ainda que não proibidos por lei, continuam no mundo “clandestino” do saber. Sendo assim, esta pesquisa é uma tentativa de “levar a sério” compreensões “nativas” e admiti-las enquanto criadoras de sentido e “visão de mundo”. Problematizando, desta forma, pensamentos e conceitos que impossibilitam a visibilidade de compreensões alternativas às formas hegemônicas de pensar os psicoativos e, (por causa ou consequência) a compreensão sobre a “vida” e do “mundo”. Através da comunicação interespecífica (entre humanos e cogumelos), foi possível uma “aventura” por entre as narrativas vindas dos sujeitos (e dos cogumelos) e também da literatura que estes sujeitos recorriam para falar de suas experiências. Possível também é uma “aventura” por entre o exercício da escrita e o comunicar-se.

PALAVRAS-CHAVE: Cogumelo psicodélico, relações interespecíficas, conhecimento, comunicação, palavras, escritas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a todas as pessoas que de forma “direta” ou “indireta” tornaram possíveis a execução desta pesquisa. A todos os meus “sujeitos de pesquisa” (visíveis ou “invisíveis” nestas linhas), eu agradeço por toda a contribuição e por me permitirem escrever suas incríveis histórias. Sem sua disposição e disponibilidade para comunicar suas experiências e compreensões sobre o mundo, este trabalho jamais teria sido feito desta forma. Obrigada por compartilharem comigo suas vivências e suas palavras tão ricas e complexas.

Um agradecimento especial ao meu orientador Alberto Groisman, que tão pacientemente guiou-me frente ao desafio do escrever, do pesquisar, do ler e do interpretar. Muito obrigada por todas as reuniões (inclusive nos domingos), pela dedicação e por levar a “minha pesquisa a sério” que desde o começo da atividade etnográfica. Agradeço também por ser o inspirador e por ter apoiado uma iniciativa de escrita e de Antropologia que permite uma expressão da criatividade e desamarra o pensamento. Você me disse uma vez: “não tenha medo de escrever”, este conselho foi dos mais importantes... busquei manter esta atitude do início ao fim da execução do trabalho. Sou grata também ao grupo de estudos guiado pelo meu orientador, o Grupo Oriente (G.O.), e a todas as pessoas que fazem parte dele e que contribuíram para minhas reflexões. Obrigada por lerem com tanto cuidado os capítulos que enviei e por acreditarem no tema da pesquisa.

Às “caronas”, que peguei da minha casa (que mudou de local várias vezes ao longo destes últimos quatro anos) até a Universidade Federal de Santa Catarina, meu mais sincero obrigada. Eu nem teria chegado a minha Universidade se não fosse pela gentileza e pela troca com as pessoas que paravam seus carros para uma estudante animada com seu polegar para cima. Obrigada também, pois a possibilidade das caronas também rendeu “dados etnográficos” muito importantes para a pesquisa. Grata a todas as pessoas que na “ida” ou na “volta” dos meus itinerários quiseram saber mais sobre o tema do meu projeto de conclusão de curso e tão prontamente trouxeram suas histórias.

Muito, muito, muito obrigada ao “grupo” de pessoas que, com os rituais de “ayahuasca” e com o ritual de “cogumelo”, com sua amizade e seu engajamento numa

epistemologia “da vida” apoiaram e estiveram ao meu lado durante quase três anos. Sua amizade e companhia durante este período foi essencial, não somente para a pesquisa, mas para constituir quem eu sou agora. Obrigada por me inspirarem e por serem tão verdadeiros com suas compreensões da vida, do universo e de si mesmos. Grata por trabalharem para “o amor”, por serem gentis e por espalharem alegria na minha vida (e na vida de tantos outros que passam por aí). Todos os obrigados do mundo não cobririam toda a felicidade que passei junto a vocês. Grata por todo o ensinamento.

Quero também agradecer ao meu companheiro Caio, cujo uma poesia eu citei na conclusão desta etnografia. Por me compreender e ajudar nos momentos em que eu acordava de mau-humor com um copo de café e passava quase o dia todo na frente do computador. Obrigada por ser o sorriso e a poesia que me acalma nos momentos de ansiedade e por sempre me fazer acreditar em mim mesma. Por todas as nossas conversas e “crises epistemológicas” que entramos juntos. Por todos os questionamentos interessados sobre a minha pesquisa. Obrigada porque você a leu, pensou e discutiu comigo; nossas conversas foram fonte de inspiração e algumas reflexões estão nas páginas seguintes. Grata por sofrer, esperar e-mails e celebrar boas críticas comigo.

A minha mãe, Jane da Silva de Caldas, e ao meu pai, Marcelo Carginin de Caldas, sei que dizer obrigada, certamente, seria pouco... as palavras, no entanto, me fogem. Grata, primeiro por me trazerem para este mundo tão complexo e tão interessante de se estar, de se pensar, de se escrever, de se viver... Grata pelo apoio financeiro, emocional, psicológico, ancestral (entre outros corpos e planos) que me permitiram estar onde estou hoje, que me permitiram cursar Antropologia. Obrigada por sempre aceitarem minhas escolhas e apoiarem minhas decisões mesmo se, em algum momento, elas possam não ter feito sentido para vocês. Obrigada por este amor incondicional, espero que eu esteja retribuindo.

Agradeço a todos os professores de Antropologia que produziram as inquietações, os insights, as reflexões e até os puxões de orelha para “ler o texto”. Obrigada aos professores que escutaram os questionamentos sobre minha pesquisa e inspiraram com mais questionamentos. Sou grata por este trabalho que fazem. Vocês todos estão presentes aqui, por fazer parte da minha caminhada enquanto acadêmica. Muito obrigada.

O último agradecimento (escrito) é para os cogumelos psicoativos. A estes fungos, do qual eu considero a aparência simpática, quero agradecer pela multiplicidade inerente a sua

existência, as experiências geradas e pela comunicação interespecífica proporcionada, Obrigada por falarem através destas páginas. Sigo comunicando-me.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
2. PEGANDO CARONA E SENDO PEGA POR NARRATIVAS	21
3. ENTRE MOSQUITOS E COGUMELoS	29
3.1. APRENDIZADOS	40
5. AVENTURA COMUNICATIVA - A HISTÓRIA DE UMA ASPIRANTE A ANTROPÓLOGA FRENTE PALAVRAS E COGUMELoS	56
6. TRANSGRESSÕES FÚNGICAS DA EPISTEME PÓS-ABISSAL	60
7. AINDA EM TEMPO PARA INCONCLUSÕES	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso de Antropologia, contarei sobre minhas peripécias através de histórias, e também da escrita etnográfica, que permeiam o contar dos sujeitos com os quais eu trabalhei nesta pesquisa. Estes sujeitos envolveram-se em “experiências de contato” usando o cogumelo *Psilocybe cubensis*¹. Ele é tratado como um cogumelo psicoativo. Por algumas pessoas com as quais trabalhei ele é chamado de: “cogumelo mágico”, “cogumelo psicodélico”, ou, como carinhosamente é apelidado: “cogu”. Optei, por dentro destes termos, chamá-lo de “cogumelo psicodélico”. No “dicionário informal”, o termo “psicodélico” pode ser aplicado para uma “produção intelectual elaborada sob efeito de um alucinógeno”². A construção de conhecimento provinda dessas histórias, as quais me “interpassaram” até estas páginas, poderia ser considerada como produção intelectual entre os “sujeitos de pesquisa”, os cogumelos psicodélicos e eu. Uma “epistemologia um tanto quanto psicodélica”, por tanto. Penso que, de certa forma, a produção desta pesquisa fora gerada por uma “experiência de contato” com o cogumelo psicodélico e também com as histórias dos “sujeitos de pesquisa” permeada pelos fungos. Chamo de “experiência de contato” tanto as experiências que “digeriram” o fungo (dos sujeitos usaram o cogumelo), quanto aquelas que são geradas pelo contato com estas histórias, no caso, a minha própria experiência enquanto pesquisadora e ouvinte. Também é a experiência do leitor, no contato com esta pesquisa. Essas experiências são geradas pelo veículo da linguagem (falada e escrita, ou até mesmo outras) e comunicadas aqui pelo contato que eu tive com estes interlocutores de “reinos biológicos” diferentes (fungos e humanos). Pretendo mostrar que nem por essa diferença a comunicação foi uma impossibilidade.

O *Psilocybe cubensis*, cogumelo do qual se conta as histórias com as quais trabalhei, é um ser do reino “*Fungi*” que possui o “princípio ativo” *psilocibina* em sua estrutura. A *psilocibina* é uma substância declarada pela Anvisa como de uso proscrito no Brasil, porém - muito embora o princípio ativo deste cogumelo seja uma substância proscrita por lei - o cogumelo “em si” (sua corporalidade) não está especificado como proibido pela Agência de

¹ Esta foi a espécie de cogumelos que apareceram nos relatos, acredito, no entanto, que isto não exclua a possibilidade desta pesquisa somar nas reflexões sobre outros psicoativos, além de outras espécies de cogumelos.

² <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/psicod%EA9licas/25015/>

Vigilância Sanitária (Anvisa). Como interpretar uma lei que proíbe o princípio ativo, mas não proíbe o *corpo* que o carrega? No início da pesquisa, quando me deparei com a questão da legalidade do cogumelo, conversei com um advogado que sugeriu uma *ambiguidade* na lei um tanto quanto difícil de resolver. O cogumelo psicoativo é, hoje, utilizado e comercializado de forma livre, uma vez que a lei não regulamenta seu uso de forma estrita. Assim, podemos encontrar cogumelos psicoativos na *natureza* ou *cultivados* em laboratório através de seus esporos. Na natureza ele pode ser encontrado em campos, crescendo nas fezes de um tipo de boi específico (espécie ou subespécie de boi), conhecido como “boi zebu”, o qual possui a característica diferencial de uma “corcova.. Talvez esta não-proibição dos cogumelos se dê pela característica da sua própria reprodução: os esporos dos cogumelos ficam no ar e, quando encontram um ambiente propício para sua corporificação, se alojam.



Imagem 1: “Boi zebu” numa das principais rodovias de Florianópolis: Sc 405. Na imagem é possível ver sua corcova logo abaixo do pescoço. Minha separação dele é apenas esta cerca de arame farpado. Uma fronteira, sim, porém transponível. Fonte: Acervo pessoal

No entanto, a *não-ilegalidade* (para não dizer legalidade, indo além das ambivalências) não quer dizer que não seja, de alguma forma, “clandestino” o uso do cogumelo, como bem sugeriu meu orientador. Encontram-se determinadas definições sobre os psicoativos (no geral, biomédicas), as quais não parecem ser suficientes para dar conta da complexidade do uso dos cogumelos e sua relação com os seres humanos. No “psico-index” online da Anvisa, por exemplo, a psilocibina tem sua descrição na categoria terapêutica como um “perturbador do sistema nervoso central”³ e, em seguida, entre parêntesis está a palavra “alucinógeno”. É comum que o termo “alucinógeno” seja utilizado para classificar psicoativos. Esta classificação soa-me problemática defronte ao meu objeto de pesquisa. Alucinógeno, na definição do dicionário, e também compartilhada em certas comunidades científicas, refere-se a “substâncias que provocam alucinações artificiais ou estados eufóricos”⁴. A questão é que este tipo de categoria simplesmente não é suficiente (se não, incorreta) para explicar o uso de psicoativos como um todo. Como bem coloca Sandra Lucia Goulart (2008) sobre o estigma de grupos ayahuasqueiro - que utilizam o “chá” ayahuasca (também chamada de Daime, Yagé, Hoasca e etc), considerado como psicoativo - afirma que

“É também possível ter uma idéia da imagem destas religiões na sociedade brasileira ao observarmos a forma como elas aparecem na mídia. Assim, em artigos de jornais, revistas, matérias de televisão, o chá é identificado a uma “droga alucinógena perigosa”, enquanto seus usuários são, normalmente, vistos como membros de “seitas exóticas”, propensas ao “fanatismo” e à “loucura”. Os próprios títulos e chamadas de vários dos artigos publicados em revistas e jornais brasileiros já indicam esta tendência. Citando alguns deles: “divina piração”, “seitas cultuam bebida alucinógena da Amazônia”, “a seita do barato”, “liberação de chá alucinógeno da Amazônia”, “o barato legal”. Nesse tipo de material jornalístico comumente são levantadas suspeitas sobre a mistura do chá da ayahuasca, nestas religiões, com substâncias diversas, como o LSD, a cocaína, entre outras. (GOULART, 2018; p. 251)

Goulart problematiza o uso de certos termos que negativam (e reduzem) a vivência dos grupos que utilizam o “daime”. Segundo a autora, o termo “alucinógeno” está ligado ao “perigo”, ao “tóxico” e a “droga”. Estas classificações possuem motivações médicas e históricas (GOULART, 2018). Estas categorias frequentemente vem “de fora” ou podem indicar fronteiras “de dentro” dos grupos. Embora elas possam ser positivas para a criação e a

³

http://www7.anvisa.gov.br/datavisa/Substancia/ConsultaSubstancia03.asp?NU_SUBSTANCIA_TABELA=05863015

⁴ <https://www.dicio.com.br/alucinogeno/>

manutenção das identidades de um grupo ayahuasqueiro, a autora as questiona porque elas são, em geral, maneiras de se estigmatizar.

Referindo-me principalmente ao cogumelo, nesta pesquisa estive em um mundo que considerei, de certa forma, paralelo a estes tipos de classificação (entre outras do gênero). Em um “lugar” “clandestino” a estas categorias de entendimento. Um mundo que encontra-se em “clandestinidade epistemológica”. Minha intenção, e provocação, é penetrar neste mundo “paralelo” e, como sugeriu meu orientador, invadi-lo (pois toda a pesquisa será necessariamente uma invasão) embora com todo cuidado para que não seja uma invasão destrutiva... para que não se caia na tentativa pretensiosa de explicá-lo e, dessa forma, reduzi-lo ao meu próprio ponto de vista. Por mais que meu ponto de vista esteja sempre presente ao longo das páginas deste texto, pretendo aqui apontar para as *complexidades* aparente nas narrativas dos “sujeitos de pesquisa”. Isso significa, entre outras coisas, também em não reduzir, com qualquer que seja o método “justificadamente científico”, as experiências com o cogumelo psicodélico a “alucinações artificiais”, “um barato” ou a psilocibina como um “perturbador de sistema nervoso” e “alucinógeno”. Trata-se de abrir-se para as interpretações e construções de pensamento que surgem a partir deste contato humano-cogumelo que vão além destas possíveis categorias “de fora”.

As pessoas com as quais pesquisei, estas que chamo “sujeitos de pesquisa”, com coragem compartilharam comigo as profundezas das suas experiências (e de si mesmas), além de seus pensamentos sobre o mundo. Meu esforço antropológico *em meu escrito* é o de manter-me o mais fiel possível às suas *palavras*; considerando e contrastando (se não sempre, ao menos disciplinadamente) que as compreensões nas que cheguei envolvem minha própria perspectiva. No entanto, mesmo que assumindo essa impossibilidade de um “relato imparcial”, espero abrir um *mundo comum*. Não só entre mim e as pessoas com as quais pesquisei, como também com o leitor que busca decifrar(-me) agora.

Esta pesquisa é um “esforço comunicativo” entre aspectos que eu considero interessantes nas falas dos “sujeitos de pesquisa” e as suas próprias histórias. Assim, se eu for bem sucedida, tanto meus sujeitos de pesquisa, quanto eu mesma, apareceremos (neste mundo comum), de alguma forma, no *interstício* das minhas palavras - isto é, no caminho entre o que minhas palavras dizem e o que querem dizer, no apontamento de aspectos interessantes que promovem comunicação, nas “brincadeiras” palavreadas entre parêntesis, nos estranhamentos

entre aspas, e na continuação sem fim das reticências (que é ou deveria ser toda a pesquisa) - frente às *complexidades* inerentes às histórias e ao exercício antropológico.

Neste sentido, arrisco-me frente a esta “aventura” da própria escrita, dentro da interlocução das próprias *palavras*; como se elas mesmas fossem “substância” da minha vivência - também um tanto quanto psicodélica - do ato de etnografar e, mais propriamente, do *evento* que é escrever. Nesta etnografia reflito sobre o próprio “escrever”, numa tentativa de explorar mais a fundo o que são os desafios deste fazer antropológico. Num exercício de autoavaliação (nem sempre explícito), essas reflexões sobre escrever pretendem provocar (a mim mesma) questionamentos quanto minha posição de futura antropóloga. Isto é, os meios pelo qual a atividade da minha profissão (que se dará, em grande parte, no escrever) se dá, e as formas que posso encontrar de percorrer os horizontes das páginas. Nem sempre estas reflexões aparecem de forma clara no texto, mas tenho a corrente sensação de que elas nunca se vão completamente, mesmo quando faço esforço para que o relato de pesquisa tome outro rumo... A sensação é de que há sempre um movimento *centrípeto* que se move da pesquisa para uma espécie de metalinguagem, ou meta-escrita (ou os dois) - de fora, para dentro, das histórias dos outros para a minha história. Ao mesmo tempo em que há um movimento *centrífugo* que nasce de dentro das pessoas (ou dos cogumelos) e dão origem as suas histórias.

Encontrei no exercício da pesquisa a percepção do desafio do que é escrever. Talvez porque isto exija do escritor encontrar uma forma de passar para a página aquilo que observa, aquilo que pensa com intermédio das palavras (um conjunto de códigos limitado para falar do possível ilimitado que é a vida...). Além disso, penso que o exercício do escrever transforma, no *ato*, aquilo sobre o que se escreve. Seguindo o pensamento de Roberto Cardoso de Oliveira (1996), penso que não seja possível fazer uma *representação* “pura” ou “imparcial” de algo. A observação de um objeto, sua compreensão

“seja qual for esse objeto, [...] não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade. Esse esquema conceitual disciplinadamente apreendido durante o nosso itinerário acadêmico (daí o termo disciplina para as matérias que estudamos), funciona como uma espécie de prisma por meio do qual a realidade observada sofre um processo de refração - se me é permitida a imagem” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996; p. 17).

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira nosso olhar e, por tanto, nosso escrever, estão permeados por percepções que constituem nossa maneira compreender o mundo. Para o autor

o escrever é desafiador não somente pela técnica ou por mencionar a vida de outros em nossos textos mas “sobretudo, por esse trabalho ser "moral, política e epistemologicamente delicado" (Geertz, 1988b)” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996; p. 17).

Nesta etnografia, é pelas diferentes “formas de interpretar” as narrativas que, entre outras coisas, o exercício antropológico se coloca como desafiador “moral, política e epistemologicamente delicado” (idem; ibidem). Escrevo sobre experiências que envolvem mundos compostos e permeados por elementos que vão além da “observação ordinária de eventos”⁵. Encontro narrações sobre experiências as quais, muitas vezes, não seguem uma “racionalidade”⁶ ou uma razão de ser tão óbvia e automática de pensar. Narrativas que trazem elementos do que “nós” chamamos de “fantástico, místico ou mágico”, “mítico” em algumas antropologias e, até mesmo, “alienígenas” em alguns sentidos (como veremos este tipo de menção ao longo dos relatos dos sujeitos de pesquisa).

Estes elementos podem ainda ser vistos como “imaginados”, como “alucinações”, ou que permeiam uma ideia de “crença”. E é justamente contra isso que estou argumentando. Assim, apontando para a possibilidade destas essas narrativas constituírem um *conhecimento* e uma forma de *entendimento de mundo* válidas. Que essas “experiências de contato” dos sujeitos de pesquisa, geradas pelo uso do cogumelo psicodélico, podem *alterar* a forma de “ver” o mundo. “Alterar” no sentido literal (para brincar com as experiências visuais promovidas pelo fungo) mas, principalmente, no sentido epistemológico, de compreensão, de ciência, de conhecer a si e ao ambiente que vive e convive. Abrindo, portanto, a possibilidade epistemológica de que o entendimento que temos do mundo, este formado pelo “pensamento ocidental”, não ser o único “real” ou “lógico”.

O método que usei para trazer as narrativas dos sujeitos de pesquisa foi o de buscar deixá-las o mais “cruas” possíveis e a partir delas apontar os aspectos interessantes que as permeiam. Elas encontram-se na etnografia com as mesmas expressões e “coloquialidades” com que chegaram até mim (levando em consideração a tradução nem sempre tão fiel das palavras faladas para as escritas). A decisão de trazê-las dessa forma no texto se deu para enfatizar o caráter “performático” das histórias, tomando o cuidado para que estas mesmas “coloquialidades” não estigmatizem os meus interlocutores frente à “linguagem acadêmica” (a qual, em contrapartida, também possui suas próprias coloquialidades canônicas). Acredito

⁵ Se é que há algum tipo de observação que seja ordinária ou padrão.

⁶ Assuma que, obviamente, estou usando o conceito ocidental sobre o que é racionalidade aqui, justamente para contestá-lo depois.

que o modo com que as narrativas chegavam, e a escolha das palavras dos sujeitos de pesquisa para trazê-las, dão a elas um “toque de vida” e uma dinâmica na leitura que as torna cativantes. Tentei preservá-las ao transcrever os relatos. É claro que as palavras escritas não são iguais as palavras faladas, existem outras relações envolvidas no ato de contar uma história “verbalmente”. Não posso garantir que estes escritos deem conta da totalidade das experiências contadas. Talvez as narrativas tampouco o façam com as experiências vividas, mas em ambos os casos, há a disposição e a disponibilidade de transformá-las em “atos comunicáveis”.

As narrativas e os sujeitos com suas histórias chegaram ao longo da pesquisa muitas vezes de forma *inesperada*. Este ponto fez com que eu não seguisse uma ordem cronológica para escrever sobre as narrativas (não há uma primeira ou última conversa sobre os cogumelos). As narrativas “chegavam” e foi necessário um trabalho intuitivo-intelectual para escolher quais delas estariam presentes na etnografia. Ao fim, escolhi aquelas que chamam atenção por suas complexidades, aquelas que acredito não se encerrarem em si mesmas. Abrindo sempre uma nova forma de pensar.

Todo o caminho da pesquisa fez-me questionar: O que é e como é comunicar? O que é narrar? O que significa o *tempo do contar*? O que significa relatar uma história no *presente* sobre um *passado* - considerando-se que esses “dois” tempos (passado e presente) interconectam-se na narração (na verdade, em alguns momentos tenho a sensação de que se tornam um). Algumas histórias foram contadas evocando sentimentos e sensações das experiências que já foram, gerando assim novos sentimentos e sensações para o ato do contar. Penso que o contar, portanto, não está morto - nem é sobre algo morto sobre o qual se faz um notificação de obituário em um jornal - pelo contrário, é vivo e evoca novas experiências.

A pesquisa também é viva. Assim como seu método. No começo do campo, iniciei as reflexões junto a um grupo específico, o qual faz mais ou menos dois anos que conheci, um grupo de pessoas que faz alguns *rituais*⁷ com o cogumelo *Psilocybe cubensis*. No entanto, o “lugar da pesquisa” perdeu suas fronteiras por dois motivos: primeiro, só houve um ritual coletivo de cogumelo desde que iniciei minha pesquisa (do qual farei nos parágrafos seguintes); segundo, as histórias que os sujeitos de pesquisa trouxeram não tratavam propriamente do ritual (mesmo que alguns deles já houvessem participado de rituais com o grupo) mas sobre suas experiências e as explorações intelectuais (e literárias) relacionadas ao

⁷ Como chamam as sessões de cogumelo.

tema. Ao invés de direcionar perguntas para saber da estrutura do ritual (entre outras coisas), preferi “deixar” com que falassem, “deixar” com que trouxessem pra mim o que acreditavam ser interessante. Não fiz esquemas de entrevistas. Quando digo que as narrativas “chegaram” é porque, de certa forma, eu não precisei procurá-las. Conversas com os sujeitos de pesquisa iam levando o diálogo para os cogumelos... meu trabalho foi o de prestar atenção e de recordá-las (e escrever delas e sobre elas) ou através da memória ou de aparelhos eletrônicos (como gravadores) - os quais, no entanto, nunca ou quase nunca estavam presentes no momento em que as histórias começavam.

O *grupo* que faz os rituais com o cogumelo psicodélico ainda existe em Florianópolis, região na qual a pesquisa foi realizada. Foi a partir deste *grupo* que dois de meus sujeitos de pesquisa surgiram e conversam nas entrelinhas das páginas. Por isto, embora eu não esteja focada na descrição deste coletivo ou de seus rituais, sua existência e sua forma de entender as substâncias parece ser imperativa na compreensão das experiências dos sujeitos com os quais trabalhei. Visto que foram tão importantes na minha caminhada pessoal e enquanto pesquisadora (dois papéis que se confundem e se permeiam) considero importante escrever um pouco sobre o grupo e sobre o ritual que participei:

O *grupo*, além dos cogumelos, também faz uso da bebida psicoativa Ayahuasca (Yajé, Daime, Hoasca, etc.) e outras substâncias como rapé - uma “substância” considerada medicinal - feita de tabaco seco e cinzas da casca de alguma árvore medicinal (cuja receita e espécie de árvore pode variar), esta combinação (do tabaco e das cinzas de árvore) forma uma “espécie de pó” que é *soprado* no nariz através de instrumentos (chamados de tepi ou kuripe). É importante ter em mente que este *grupo* trata estas substâncias como “*medicinas*” (em suas próprias palavras). Usam estas “substâncias”, portanto, com propósitos “terapêuticos” e “curativos”. Acredito que este discurso faça toda a diferença na compreensão dos sujeitos de pesquisa.

Eu participei de sessões de Ayahuasca com eles (o grupo) durante quase três anos. Os conheci através dos contatos entre diferentes lugares que servem a bebida em Florianópolis. A primeira vez que participei de um ritual de Ayahuasca foi em meu primeiro ano de Antropologia, fato este mesmo que despertou a curiosidade sobre a bebida, visto que muitos colegas comentavam de sua existência ou já conheciam-na por diversas fontes, além de ser bastante presente entre alguns povos indígenas brasileiros. Uma amiga do curso levou-me em meu primeiro ritual e desde então transitei em diferentes casas pelo Sul de Florianópolis e em

outros lugares do Brasil em minhas viagens (conheci alguns que serviam a bebida em Goiás, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Acre, além de fazer contato e rituais com povos tradicionais que a utilizam como os Guarani, Huni Kuin e Yawanawá).

Meu interesse por Ayahuasca coexistia e complementava meu interesse na área de Antropologia da Saúde e o uso de psicoativos. Passei a estudar o tema e a escrever sobre, produzindo algumas curtas etnografias para as disciplinas que cursei. Quando participei de uma sessão de cogumelo psicodélico com o grupo já estava decidida a pesquisar o uso do fungo. Este ritual, no entanto, não está “integralmente” anotado em meu diário de campo. No início da pesquisa, minha intenção era estudar este *grupo* e focar-me no ritual como objeto de pesquisa. No entanto, durante o tempo que estive pesquisando somente um ritual de cogumelos fora realizado pelo *grupo* durante o tempo convivemos. Minha experiência primeira foi muito mais de uma primeira exploração. Em meu diário de campo, anotei que este ritual aconteceu no dia das crianças do ano passado (dia 12 de outubro de 2017). Conto como as pessoas estavam sentadas em roda, dispostas em colchonetes, encostadas nas paredes no recinto de forma arredondada. Havia uma fogueira no centro e instrumentos musicais (usados durante o ritual para musicá-lo) distribuídos ao longo da sala. Escrevi sobre a palestra inicial do ritual em que o “dirigente” pediu a “permissão para entrar no mundo dos cogumelos”. Até esta fala, o desenho do ritual estava bem semelhante as sessões com ayahuasca que o grupo costuma fazer. No entanto, muita coisa aconteceu naquele ritual, os efeitos do cogumelo⁸ em mim, provocaram visões e sensações musicais inteiramente novas. Mensagens e insights viam e iam na mente, compreensões psicológicas, sensações físicas, pensamentos e percepções, tudo foi percebido e ganhou a possibilidade de ser sentido, ou melhor, de adquirir sentido. Eu fui, inteiramente, *afetada* pelo ritual de modo que eu e meu caderno de campo só nos revimos no final do evento (quando voltei a lembrar que ele existia). Lembro de anotar, rindo por dentro, que eu deveria tomar uma dose menor no próximo ritual se eu quisesse levar a pesquisa como pretendia sem saber que eu nem teria aquela oportunidade.

Também porque as narrativas dos sujeitos de pesquisa enlaçaram-me, decidi abandonar minha ideia inicial de etnografar os rituais e passei a mergulhar em suas histórias. Acredito ser mais produtivo para seguir a reflexão neste momento que o leitor esteja consciente que minha minha intenção de permanecer delimitada a este espaço de campo foi,

⁸ O grupo “come” os cogumelos secos triturados em um copo com limão.

na verdade, simplesmente um “fracasso”. Não porque eu fora mal sucedida no ato de pesquisar e etnografar (deixo que essa crítica faça-se por outros, porque não lhes darei esse gostinho) mas porque me pareceu, por alguns momentos, que o meu próprio objeto não permitiu que eu ficasse parada em um local delimitado. Esta multiplicidade de interpretações\significações se dá porque a experiência\atitude com os cogumelos é, ela mesma, múltipla. O cogumelo, em si, permite essa pluralidade. Assim como coloca Bruno Latour (2006):

“se você pode ter diferentes pontos de vista sobre uma estátua, é porque a estátua em si mesma é tridimensional e lhe permite, sim, ela permite que você ande em torno dela. Se algo comporta uma multiplicidade de pontos de vista, é porque este algo é muito complexo, dotado de dobras [...]” (LATOUR, 2006; p. 343).

Seguindo o pensamento de Latour, senti que fora preciso perambular pelos diferentes usos que o trabalho de campo permitiu-me mapear. Isto porque há diferentes pontos de vista sobre os cogumelos, diferentes significações e discursos que trazem uma série de elementos para pensar o que os tipos de uso dizem sobre as relações (ou o que as relações dizem sobre os tipos de uso). Além disso, foi preciso também ocupar outros locais de pesquisa. Percebi que as pessoas, como apontei, chegavam até mim contando suas experiências. Bastava apenas que eu mencionasse que estava pesquisando sobre cogumelos psicodélicos que as narrativas pareciam brotar das bocas animadas. As vezes eu nem tinha tempo para falar sobre meu trabalho antes da narrativa começar, parece que sabendo que lá estaria eu, interessada para escutá-la. E, assim, o cogumelo “multidimensional” (indo além da estátua de Latour) começou a produzir multi-significados.

O cogumelo (não só o que é psicoativo) está presente na caminhada humana a mais tempo do que pensamos, numa trilha que tem feedback de alguns milhares de anos. Segundo o biólogo micologista Paul Stamets, em seu livro *Growing Gourmet and Medicinal Mushrooms* (1996), o uso de cogumelos encontra-se na humanidade desde o período Paleolítico, possuindo papéis importantes na Antiga Grécia, na Índia e na Mesoamérica. Stamets traz o exemplo de Aristóteles, Sócrates e Platão. Conta que participavam os três de uma cerimônia no oráculo de Elêusis onde servia-se uma cocção de cogumelos para expandir a mente. O autor traz a história de Siddhartha Sakya Muni Gautama, mais conhecido como Buda, que morreu devido ao envenenamento causado por uma determinada “espécie” de “cogumelo que

nasceu debaixo da terra”. (STAMETS, Paul. 1993; p. 02). Uma substância psicoativa que teve seu uso expandido a partir de 1960, o LSD, é produzido através de reações metabólicas do fungo *Claviceps purpúrea* (um cogumelo). Stamets traz que na primavera de 1991, caminhantes nos Alpes italianos encontraram restos bem conservados de um homem que morreu há mais de 5300 anos; chamaram-no de "Iceman" pelos meios de comunicação. Esse homem estava bem equipado com uma mochila na qual estavam alguns *Birch Polypores* (*Piptoporus hetulinus*) e um outro cogumelo ainda não identificado. Segundo o autor, os cogumelos que possuía podem ser usados como veículo para iniciar fogos e para o tratamento de feridas, além disso um chá rico com propriedades imuno-intensificadoras pode ser preparado fervendo estes cogumelos. “Equipado para atravessar a região selvagem, este intrépido aventureiro descobriu o valor medicinal e instrumental dos cogumelos. Ainda hoje, esse conhecimento pode salvar vida de qualquer pessoa em uma região selvagem⁹. (STAMETS, Paul. 1993; p. 02).

Um outro relato interessante sobre o uso de cogumelos (desta vez psicodélico), o qual traz um pouco da presença deste fungo entre as culturas humanas, é o de Gordon-Wasson, um ex banqueiro, que dedicou a vida estudando cogumelos. Gordon-Wasson conheceu, em 1958 no México, em Mazatec, María Sabina, uma xamã que fazia rituais com cogumelos psicodélicos, os quais denomina de *veladas*, com fins curativos. Ele estudou com Sabina e participou de algumas de suas sessões com “Los niños” (como ela mesma chama os cogumelos). María Sabina consumiu cogumelos frequentemente desde pequena (segundo ela mesma, desde os 7 anos de idade)¹⁰. Iniciou sua experiência com os cogumelos pela curiosidade nascida quando viu um xamã da região curar seu tio usando o transe sobre efeito dos cogumelos. María Sabina introduziu um uso diferenciado nos estudos sobre cogumelos (e outras substâncias psicodélicas), ela trouxe uma relação importante para pensar seu uso.

⁹ Esta versão da tradução desta parte do livro de Paul Stamets é minha.

¹⁰ Maria Sabina - Mulher Espírito (Documentário). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4DpfcyrFv2s>



Imagem 2: Gordon Wasson e María Sabia. Na mesa: “los niños” (cogumelos). Fonte: <http://www.herbmuseum.ca/content/r-g-wasson-not-your-average-banker>

Uma curiosidade interessante sobre Gordon-Wasson, que pode servir para pensar o papel do pesquisador, são as acusações que o autor recebeu de “comprometer os poderes” de Sabina. Em uma entrevista feita por Robert Forte¹¹ na casa de Gordon-Wasson em 1985 (em Danbury, Connecticut) este assunto foi levantado. Robert Forte afirma que Gordon-Wasson reportou que “María Sabina lamentava a divulgação do segredo do cogumelo [...] porque muitos outros estrangeiros seguiram...” Gordon-Wasson responde: “não só estrangeiros, mas mexicanos também chegaram para explorar”. Gordon-Wasson diz que previu que descrever os rituais seria uma grande tristeza, María Sabia queixou-se com ele algumas vezes sobre que a descrição de suas veladas fizeram a invasão dos brancos, que destruíram com seu ritual. No entanto, Gordon-Wasson diz que sem a descrição das veladas, elas teriam desaparecido da história e estas mesmas descrições acabaram contribuindo para estudos antropológicos.

A questão delicada do posicionamento do pesquisador faz pensar sobre a responsabilidade com que lida-se em uma etnografia. Muitas vezes não temos o controle sobre o que será feito de nossos trabalhos. Por isso, novamente sugiro que esta invasão (do pesquisador para o mundo dos “sujeitos de pesquisa”) deva ser uma entrada construtiva permeada por princípios éticos. Assim, escolhi por manter o anonimato das pessoas com as

¹¹ Una conversación con Robert Gordon Wasson. Disponível em: <http://www.onirogenia.com/entrevistas/una-conversacion-con-robert-gordon-wasson-2/>

quais trabalhei, assim como a localização do *grupo* que faz as sessões de cogumelo e ayahuasca. Também optei por não relacionar nenhuma característica física primária ou secundária dos interlocutores, seguindo a ideia de “anonimato qualificado” (GROISMAN, 2014).

Qual o objetivo desta pesquisa? Minha ideia inicial era compreender a inter-relação entre cogumelo psicodélico e humano, pensando que o sentido das experiências se dá através de um caminho de mão dupla, algo construído em conjunto (“entre”). Isto é, busquei as experiências psicodélicas geradas pelo uso do cogumelo como criadoras de sentido nas histórias dos sujeitos que exploram estes “estados de consciência”. Certamente, as relações criadas entre uma pessoa e um “psicoativo” (neste caso, pessoa e fungo) são tão amplas e complexas quanto a subjetividade de cada uma delas. Mas não serei completamente verdadeira se disser que, apesar da forma pela qual isto se deu tenha sido diferente do que imaginei, em certo sentido este trabalho cumpriu uma parte da missão de seu projeto: *relacionar-se*. Com as pessoas, com o leitor, com o cogumelo... comigo mesma, enfim. Além disso, foi possível observar, mesmo que de dentro das páginas dos livros citados pelos meus interlocutores (assunto do qual tratarei nos próximos capítulos) a inter-relação entre humano e cogumelo e também entre a experiência, a literatura e a escrita.

O objetivo deste trabalho está em trazer os elementos dessa interrelação, pensar na produtividade destas relações entre humanos e fungos, pesquisadora e “sujeitos de pesquisa”, e na relação do contar. No que estas relações de “contato” produzem enquanto entendimento de mundo para os meus sujeitos e, desta forma, assumir um viés que trate estes entendimentos como conhecimento válido e lógico sobre a perspectiva destes. Uma parte desse trabalho está voltado para a “aventura comunicativa” dos meus sujeitos e de minha própria. Digo aventura, pois comunicar-me para mim é uma atividade de exploração. Buscar palavras e códigos que deem conta do que pretendo dizer é uma atividade arqueológica da mente. Escrever se torna, da mesma forma, uma aventura. Tudo que se sabe é que se está buscando algo que faça sentido e, talvez, no final deste “caminho” o resultado seja não encontrar o artefato que se buscava e, na pior das hipóteses, tudo ir por água abaixo e acabar como uma página amassada. Ainda assim o exercício de escrever para mim é empolgante. Penso a escrita enquanto mediadora das histórias, dos sujeitos que as contaram e dos sujeitos que as leem. Na verdade, é pensar (ou apontar possibilidades de pensamentos) em como comunicamos histórias, como passamos nossas perspectivas uns para os outros.

Esta etnografia buscará transgredir também as formas de conhecimento válidas enquanto referências. Este trabalho não é “convencional”. Parte da literatura presente usei para entrar em consonância com a mesma literatura das pessoas com as quais estudei (sujeitos de pesquisa) utilizam. Apresento referências fora dos livros, como conversas em salas de aula, texto de filmes, poesias e conversas com meu orientador estarão citadas e serão tão válidas quando uma bibliografia seguindo moldes “canônicos”.

A estrutura do trabalho está dividida por histórias: nos próximos capítulos contarei quatro histórias diferentes. A primeira história é anônima, e a fiz assim propositadamente. Ela está no segundo capítulo da etnografia “Pegando carona e sendo pega por narrativas”, onde eu conto minhas aventuras como caroneira na ilha de Florianópolis e sobre minhas conversas rápidas, mas igualmente interessantes, com os benevolentes caronistas (quem dá a carona). Deixei-a anônima para dar ênfase em um discurso que vez ou outra repetia-se dentro (e às vezes fora) dos carros. A segunda história é da minha interlocutora Hifa e está no capítulo “Entre mosquitos e cogumelos”, quem me conta uma experiência desafiadora e cheia de significados com os cogumelos. A terceira história pertence ao meu interlocutor Himênio, que foi com quem eu mais tive contato durante a pesquisa e está no capítulo “O Alien”, onde levanto reflexões sobre comunicação interespecie (cogumelo e humano) e “literatura psicodélica”. A quarta história é, na verdade, minha. Conto sobre o construir da pesquisa e o escrever, o comunicar-me enquanto pesquisadora com o leitor... e esta interlocução com as palavras. Estas reflexões estão presentes no quinto capítulo (Aventura comunicativa - A história de aspirante a antropóloga frente palavras e cogumelos).

O sexto capítulo “Transgressões fúngicas da episteme pós-abissal” vai de frente com o viés desta pesquisa, considerando estas formas de entender o mundo enquanto válidas e abrir a possibilidade para pensar a interação interespecífica entre humano e cogumelo e o que esta relação produz. O último capítulo: Caminhos para uma inconclusão, não finaliza (pois é inconcluso, assim como deveria o ser toda a pesquisa) mas abre a discussão para continuar a ser pensada sobre construção de conhecimento e escrita.

A(o) leitor(a), desejo uma boa aventura.

2. PEGANDO CARONA E SENDO PEGA POR NARRATIVAS

Quando passeio a pé, percebo que o caminho não é feito das mesmas linhas retas de um mapa cartográfico... Percebo que é feito de curvas, cortes de caminhos, atalhos, pedras, galhos e flores, entrocamento de pessoas que promovem desvios. Tampouco a velocidade é constante, frente a todas essas “coisas que acontecem” o passeio faz-se e refaz-se com o mundo e a partir dele. Da mesma forma, não me locomovi com igual velocidade pelo campo ou tampouco minha escrita e trabalho de campo não acontecem, nesta pesquisa, a partir de linhas retas e desde uma cronologia linear (alguma etnografia de fato o é?). Não tanto por escolha própria, mas porque era como se meu objeto não permitisse que eu o estudasse dessa maneira (acredito que é mesmo dessa não-linearidade de onde brotam as coisas mais interessantes).

Ao longo do meu trabalho de campo imaginei-me como uma caçadora de narrativas, só para perceber, logo em seguida, que era eu quem estava sendo caçada por elas... Eu simplesmente não as procurava, elas quem apareciam e eu tinha que ter a perspicácia de uma caçadora para não deixá-las escapar por entre outras conversas. Era comum que as histórias começassem a ser contada e eu não estivesse com nenhum aparelho para gravá-las ou tampouco meu caderno de campo às mãos. Os detalhes acabavam escapando-me quando eu recorria, mais tarde, para o recurso da escrita. Eu não desisti de recordá-las ou de buscá-las. Tampouco as narrativas pareceram desistir... bastou uma desatenção, uma pisada fora do texto tecido do que eu pensava (e esperava que fosse) um campo fixo e eu já estava dentro da armadilha delas (das narrativas)! Quando dei por mim, as narrativas estavam chegando até mim nos lugares mais inusitados. Quando comentava sobre que o tema da minha pesquisa eram os cogumelos psicodélicos... estava feito o convite para as histórias alcançarem a conversação. A primeira vista, eu talvez não tenha dado a atenção devida para estas narrativas “aventureiras”, fora do mapa... a ideia inicial de limitar meu campo e uma área de pesquisa¹² por vezes me fez deixá-las de lado. No entanto, não foi uma atitude que consegui manter por

¹² Planejava no início da pesquisa etnografar as relações com os fungos e sobre os rituais que o *grupo* (sobre qual falei na Introdução) possuía. Eu tinha me proposto a “delimitar” a pesquisa com aqueles sujeitos e sobre os elementos rituais. No entanto (pelos motivos já expostos também na introdução) o campo foi levando-me (de carona em carona) para outros lugares.

muito tempo e permiti-me ser caçada enquanto me fingia (quase que me mascarava) de caçadora.

Meu campo foi pouco a pouco perdendo seus contornos, isto é, perdeu as delimitações geográficas nas quais eu esperava contê-lo. O que me despertou e fez tomar a decisão de olhar de forma mais ampla para o campo. Curiosamente, foram as diversas caronas que peguei da minha casa até a Universidade que me fizeram (re)abrir meus horizontes de pesquisa: em Florianópolis é comum pedir carona em locais como o Rio Tavares, e a Lagoa da Conceição para diversos lugares, como Centro, a UDESC (Universidade Estadual de Santa Catarina) e a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) onde fica a “faculdade” de Antropologia. Quase que diariamente eu pegava carona(s) (nem sempre as caronas te levam até o seu destino de uma vez, sendo necessário pegar mais de uma várias vezes) da minha casa até a “faculdade”.

Nas caronas não há muito tempo para conversar profundamente sobre algum assunto (a menos, é claro, se você der sorte - ou azar se o seu objetivo é manter-se calado) as conversas fluem um tanto quanto casualmente, começam com um “pra onde você vai” em seguida troca-se nomes e o que “fazemos da vida”. Quando chegava a minha vez de responder esta última questão era comum que a conversa acontecesse mais ou menos dessa forma:

- Eu faço Antropologia, na Federal.
- Ah, que legal! Muito interessante, e tem área para trabalhar por aqui?
- Sim, tem sim, dá pra fazer pesquisa em muitas áreas...

Em seguida a pergunta variava entre: “o que é Antropologia?” ou “Antropologia é aquela disciplina que estuda os ossos, certo?”. Levava um tempo para que eu conseguisse explicar que a Antropologia que eu estudava era Antropologia “Social”, e não Antropologia Física ou Arqueologia. Como brincamos eu e meu orientador, este, ao invés de ossos do ofício, são os ócios da antropologia.

Normalmente as pessoas ficavam muito curiosas com a disciplina e passavam a me perguntar o que se estuda nesta tal de “Antropologia”. Nem preciso dizer que delimitar o campo de estudo de um antropólogo(a) é pra lá de difícil e qualquer generalização buscando fazê-lo pode ser uma mentira. Normalmente eu optava por “simplificar” e dizia que

estudamos “cultura” e os “conceitos de cultura”, mesmo que talvez nem todos os antropólogos e antropólogas concordem comigo (talvez nem eu mesma o faça).

Depois daquele diálogo de introdução, junto com algumas bases de apresentação, logo eu era questionada sobre o meu tema de pesquisa - já que eu informava que estava escrevendo meu TCC. “O que você estuda?”, “Qual é o tema do seu TCC?”. Este era o momento em que eu respirava fundo e preparava-me para falar dos cogumelos e esperar pela reação da pessoa que dirigia. Foi com o fruto destas conversas, e reações das mais diversas possíveis, que eu comecei a questionar-me sobre o tipo de relação que estes sujeitos, os quais benevolmente me levavam ao meu destino, tinham (ou tem) com os cogumelos.

Talvez fosse mesmo o destino que me levou até estas pessoas que tinham algumas histórias para contar. Naquele mistério entre o que me esperava entre um carro e outro, eu pouco a pouco ia tecendo “uma espécie” de Antropologia. Meu orientador sugeriu que eu estava fazendo, e que poderia se pensar sobre, uma “Antropologia das Caronas”. Nesta Antropologia que tem o mexer os dedinhos na beira da estrada como principal ferramenta de estudo, no entanto, a hierarquia da entrevista se invertia. Era eu quem frequentemente era “entrevistada” pelos meus interlocutores (se é que posso chamá-los assim neste contexto), para que então algo surgisse daí. Enfatizo este primeiro interesse vindo do motorista para dizer ao leitor que eu nunca, em nenhuma das caronas que peguei, perguntei se a pessoa já havia experimentado o cogumelo psicodélico.

Todos os relatos vinham diretamente dos meus interlocutores (considerando o fato do meu tema de pesquisa ter sido citado de antemão). Acredito que este ponto é bem importante de ser trazido, pois enfatizou para mim duas coisas: 1. o uso de cogumelos psicodélicos é bem mais comum do que eu imaginava e 2. as pessoas geralmente, se não tem uma história para contar de cunho pessoal (sobre uma experiência vivida), tem uma história ou percepção sobre a experiência de outrem. Este segundo aspecto que encontrei nas caronas fez-me olhar para uma espécie de ressonância de discurso presente não só nas caronas, mas no que se fala, dentro de certo “senso comum”, sobre os cogumelos.

Frequentemente nas conversas eu recebia respostas do tipo: “nossa, que legal, interessante né... eu, quando era mais nova(o) tomei uma vez e foi uma experiência bem diferente”. Lembro-me de um homem de meia idade que dirigia um carro antigo. Ele trouxe-me as histórias de uma experiência que teve comendo cogumelos psicodélicos com seus primos, quando era mais novo, dizendo que se sentiu bem e que foi uma experiência da

qual vai sempre se recordar. Também recebia relatos como: “Cogumelos? um amigo de um amigo (ou tio do amigo, ou qualquer relação de proximidade que tem com pessoa de que se fala) usou e nunca mais voltou”, referindo-se a casos em que a pessoa saiu da “normalidade” após a ingestão do cogumelo. Como que num tom de aviso para mim, ou de medo, este discurso brotava igualzinho a fungo na umidade! Era comum. Fui percebendo que as pessoas, tinham múltiplas reações referente aos pequenos (ou nem sempre tão pequenos em nosso imaginário) fungos.

Lembro de uma carona que peguei com uma mulher que saía da Universidade Federal de Santa Catarina. Era próximo do meio dia e eu tinha tido aula naquela manhã. Fazia o movimento com o polegar para cima, pedindo carona num lugar que é bem comum de ver estudantes executando o mesmo movimento. Um carro parou, a mulher olhou para mim e sorriu, falando que ia para a mesma direção que eu, me pedindo para entrar. A conversa aconteceu quase que no mesmo padrão que narrei acima. Quando contei a ela sobre meu tema de pesquisa percebi sua animação e trouxe a seguinte história:

- Comi cogumelo com o meu namorado no Vale da Utopia¹³, nós colocamos os cogumelos junto com a comida. Não sei se eu senti alguma coisa, mas sei que foi a chuva de meteoros mais linda que eu já vi. Não sei se era por causa do efeito... acho que eu nunca vou saber... mas era a coisa mais linda! (risos). Você já ouviu falar de uma história... ali Canto dos Araçás, sabe? Ali no Canto dos Araçás tem um homem que sempre anda por ali, fica andando.... o pessoal até chama ele de um jeito... Não me lembro como é... dizem que ele ficou fora assim depois de comer cogumelos. Ele nunca mais voltou ao normal.
- Será que você me permitiria contar sua história no meu trabalho? Tomarei o cuidado de proteger sua identidade.
- Claro! Pode contar.

Este tipo de diálogo repetia-se bastante, o suficiente para que eu percebesse que havia, portanto, uma ressonância (Groisman, 1991) discursiva sobre os cogumelos. De alguma forma, o assunto acabava (ou começava) com uma misteriosa história, do filho do primo de alguém (ou qualquer parente próximo não suficientemente próximo para usar um único

¹³ Local próximo de Florianópolis que recebe muitos campistas.

pronomes de tratamento, mas não longínquo o bastante de quem não se pode falar de) que usou cogumelos e “nunca mais voltou”. É um discurso repetitivo, mas que, em verdade, traz um senso comum sobre o que em geral se pensa sobre os cogumelos.

Frequentemente imaginava a seguinte cena: via-me dentro de um pequeno carrinho no centro do mapa da ilha de Florianópolis. Via, nas rotas que eu fazia de carona, linhas neón que se inter passavam umas às outras pelos caminhos e delas brotavam cogumelos para lá e para cá, representando as informações que eu coletava. Alguns cogumelos tinham os micélios (parte que fica embaixo da terra como raízes das plantas e em alguns casos nome utilizado para o corpo do cogumelo também) unidos, representavam os discursos similares que encontravam.

Para minha surpresa, esta reação sobre os cogumelos pareceu pegar carona comigo até a Universidade e foi parar dentro de uma sala de aula, onde eu apresentava meus questionamentos de pesquisa para outros colegas. Uma colega de classe levantou a mão enquanto eu falava e perguntou:

- você tem encontrado muito a histórias de pessoas que tomaram cogumelo e nunca mais voltaram?

Aquela situação me fez rir em um primeiro momento. Respondi que eu havia me deparado com aquele tipo de discurso algumas vezes (inclusive ali). Convenci-me de que este elemento discursivo de aparecimento “espontâneo” nas falas sobre cogumelo descreve algo sobre nossa relação com eles. Deixei-me, então, ser transpassada e percebi que as falas traziam coisas importantes sobre o uso dos cogumelos. Sobre o conhecimento que se tem sobre eles, de uma forma mais generalizada.

O que significa este discurso? O que ele quer dizer? De onde vem a ideia “as pessoas comem cogumelos e não voltam”? Mais do que propor uma teoria para as questões, para mim é mais importante que este assunto surja como uma interrogação e um apontamento sobre o conhecimento (ou in-conhecimento) criado sobre os cogumelos psicodélicos. Acredito que este tipo de discurso aponte para um tipo de relação que as pessoas tem com estes fungos. O autor Paul Stamets (1993), nos traz um bom exemplo para pensar nestas relações: ele nos conta sobre as primeiras interações que teve com os cogumelos (no caso dele, não somente os psicodélicos). Quando ele era criança percebia que, apesar de não parecer que seus pais

tinham medo dos cogumelos, a herança irlandesa marcava a tradição de “não ensinar boas coisas sobre estes seres para as crianças”. Seus pais contavam a ele diversas histórias sobre pessoas que morreram depois de comer cogumelos. “Minha família me deu o melhor conselho que pode: Fique longe de todos os cogumelos, exceto os que estão nas lojas” (Stamets, 1993; p. xvii), (a tradução é minha). A rebeldia de criança fez com que ele e seu irmão gêmeo comessem a brincar com um cogumelo conhecido como *puffballs*. Eles foram avisados de que estes cogumelos não eram venenosos, mas que seus esporos, em contato com os olhos, poderiam causar cegueira. Segundo Stamets, essa informação foi muito bem aproveitada, e gerou brincadeiras de jogar cogumelos um no outro a fim de soltar esporos. Ele brinca: “Nem um de nós nunca foi cego - embora ambos sofrem de uma visão muito pobre” (idem; ibidem).

“Fique longe de todos os cogumelos, exceto os que estão nas lojas”, é um aviso da família de Stamets. O que este aviso nos diz sobre a relação dos humanos com os cogumelos? Stamets nos dá um direcionamento para a resposta: não há reação neutra por parte dos humanos quando se fala em cogumelos. “From adulation by those who understand them, to outright fear by those who do not” (p. 01) (Da adulação para quem os compreende, até o medo para quem não). Há um perigo, um risco de se relacionar com os cogumelos. Somente é seguro chegar perto daqueles que estão nas lojas, pois aqueles já foram suficientemente *domesticados* pelos homens.

Gordon-Wasson, autor (juntamente com sua esposa Valentina Pavlovna) de inúmeros livros, artigos e enciclopédias sobre cogumelos, nos narra, em *Persephone's Quest* (1986), a primeira vez que se deparou com uma diferença de sentimentos frente aos fungos. Recém casados, Gordon-Wasson e Pavlovna passavam a lua de mel, em agosto de 1927, nas montanhas Catskills. Quando, em meio a um passeio de mãos dadas pelas subidas e descidas das montanhas, Pavlovna solta a mão de Gordon-Wasson e enfia-se floresta adentro antes que ele pudesse perceber “with cries of ecstasy” (GORDON-WASSON, 1986; p. 17). Pavlovna tinha avistado muitos tipos de cogumelos crescendo... segundo Gordon-Wasson, ela encontrava-se “em delírio” colhendo e colocando em sua saia os inúmeros cogumelos. Ele, contrariado com a situação, a advertiu, ainda da trilha, para que não os colhesse, pois eram *certamente venenosos*. “Come back, come back to me!, I pleaded” (idem; ibidem). Ela ria, ainda mais alegremente, e continuava a colher os fungos que surgiam de um lado e de outro. Quando chegaram no chalé que haviam alugado, Pavlovna separava os cogumelos - uns para comer com a carne, outros foram cuidadosamente colocados juntos, uns para secar ao sol para

usar no inverno, segundo ela - enquanto Gordon-Wasson isolava-se. O autor comenta que agiu como um perfeito Anglo-Saxão confrontado com uma floresta na qual nunca havia posto seus olhos... também não comeu nenhum dos cogumelos.

Após pequena crise no relacionamento, uma vez que Gordon-Wasson sentiu-se injustiçado por Pavlovna nunca ter mencionado sua relação com os fungos, ambos divertiram-se com a situação e começaram a checar suas respectivas atitudes frente aos fungos com a de seus amigos e concluíram que anglo-saxões e russos tinham sentimentos opostos quando defronte a eles: os anglo-saxões seriam micófbos e os russos micófilos¹⁴ (GORDON-WASSON, 1986, p. 17); um com medo dos fungos, e o outro estabelecendo um conhecimento maior sobre eles. Perceberam que o vocabulário em inglês usa em geral três palavras para classificar os cogumelos: a mais geral e mais utilizada *toadstool* (que não tem tradução para o Russo, mas que em português traduz-se por *cogumelo*), o termo latino *fungus* (*fungos*, em português) e o terceiro e incerto termo *mushroom* vindo do francês *mousseron* (e que tem a mesma tradução do português para *cogumelo*). Já, segundo Gordon-Wasson, o vocabulário russo não tem fim, o que, segundo os autores, mostra *relações* diferenciadas de duas partes da Europa aos cogumelos... influenciados por essas reflexões, ambos os autores nunca abandonaram o tema e escreveram sobre os cogumelos o resto de suas vidas.

A história de Gordon-Wasson e Pavlovna mostra duas pessoas que conviviam tendo diferentes relações com os fungos, tão diferentes que chegavam a ser totalmente dicotômicas. A experiência de Gordon-Wasson/Pavlovna e de Paul Stamets ilustram o tipo de reação que se pode ter uma “experiência de contato” (seja somente através de discursos) com o cogumelo. O que os cogumelos geram em nós? Os estudos que trouxe acima (em forma de narração) são caros para pensar as ambiguidades presentes nos usos, nos discursos e nas atitudes frente aos cogumelos que encontrei em meu campo.

Mary Douglas, em *Pureza e Perigo* (1966), trata da ideia de coisas ambíguas ou anômalas aos sistemas de classificação. Ela traz os conceitos ambíguo e anômalo como sinônimos, no entanto estritamente, como ela coloca, eles não o são. Uma coisa ambígua tem duas interpretações. Enquanto uma coisa anômala não tem seu sentido dentro de um sistema de interpretação dado. Na prática, porém, segundo M. Douglas, há poucas vantagens em se diferenciar tais conceitos: “O melaço não é sólido nem líquido; pode-se dizer que nos dá uma impressão sensorial ambígua. Pode-se dizer também que o melaço é anômalo na classificação

¹⁴ Mycophobes e Mycophiles, no texto original.

dos líquidos e dos sólidos, não estando nem em um nem em outro conjunto” (DOUGLAS, M., 1966; p. 53). Mary Douglas traz Sartre (1943) sobre o toque de um menino pela primeira vez em um jarro de mel e seu encontro com a *viscosidade*: “O viscoso é um estado intermediário entre o sólido e o líquido. [...] É instável mas não flui. É macio, dócil e comprimível. Não há deslizamentos na sua superfície, adere como uma sanguessuga, ataca a fronteira entre mim e ele. [...] Tocar a viscosidade é correr o risco de se diluir nela. [...] Desta maneira, o primeiro contato da criança com o viscoso enriquece sua experiência. Ela aprendeu logo sobre ela mesma e as propriedades da coisa, a **inter-relação** dela com as outras coisas” (idem; ibidem) [o grifo é meu].

Aprender sobre os cogumelos é também aprender algo sobre a sociedade que produz e reproduz discursos sobre ele. Possibilita uma visão mais ampla sobre a sociedade e em como ela se relaciona com substâncias psicoativas - o que frequentemente denomina *droga*. Segundo Mary Douglas, se existe uma classificação é porque existe um sistema onde essa classificação se enquadra. Segundo a autora algumas pistas para os sistemas serão ambíguas mas “qualquer sistema dado de classificações deve dar origem a anomalias, e qualquer cultura dada deve confrontar os eventos que parecem desafiar seus pressupostos” (p. 54). Gosto de pensar que a relação dos meus sujeitos de pesquisa com cogumelo psicodélico são pistas de uma anomalia que ampliam nossa visão sobre substâncias que, talvez por um in-conhecimento, são enquadradas em pressupostos de conhecimento. O cogumelo psicodélico é uma anomalia de um sistema, ele confronta-o.

Não pretendo aqui compreender inteiramente o discurso que envolve o “perigo” em relação ao uso dos cogumelos psicodélicos (este de “ir” e nunca mais “voltar”). Acredito que trazer a “micofobia” presente nas falas durante a pesquisa é suficiente para indicar as complexidades e multiplicidades de interpretações e pensamentos sobre este fungo. O ponto é que podem existir diversos motivos para usar-se cogumelos psicodélicos. As motivações de meus sujeitos de pesquisa estão em suas histórias. Elas aparecem no narrar de seus sentimentos, na sua busca por conhecimento sobre cogumelos e na forma com que interagiram comigo.

3. ENTRE MOSQUITOS E COGUMELOS

No dia 21 de Agosto de 2018, em Florianópolis haveria uma palestra que eu estava muito interessada em participar, na Universidade Federal de Santa Catarina, no mesmo dia em que eu havia marcado uma sessão de tatuagem com uma amiga. Eu e ela não tínhamos um contato tão próximo, nos conhecemos por participarmos juntas de um ritual, a um tempo atrás com a bebida ayahuasca (junto ao *grupo* do qual falei na Introdução), mas, apesar de simpatizarmos uma com a outra, não abrimos uma amizade nem uma interação mais profunda até aquele momento. Naquele dia, no entanto, nos encontramos e descobrimos que planejavamos assistir a mesma palestra a noite (ela, por coincidência, viu a divulgação da palestra num compartilhamento que fiz em uma rede social). Aproveitamos a situação (e eu a carona, para variar...) e resolvemos ir juntas.

Chegamos na palestra, eu, ela e seu companheiro, e sentamos os três juntos para esperar a palestra começar. Quando dei por mim estávamos conversando sobre nossas experiências com ayahuasca e sobre os amigos em comum. “Papo vai e papo vem” ela começou falando: “tive uma experiência com cogumelos que foi muito diferente, foi assim... (e começou a contar). Eu, como sempre pega de surpresa (articulação comum dos cogumelos para a qual eu nunca estava preparada), escutei sua narrativa animada, porém ser ter condições de sair correndo atrás de um gravador ou um diário de campo. Vi-me apenas ouvindo com um pesar de não registrar aquele relato. Ao fim do história eu contei a ela que eu estava fazendo a pesquisa sobre narrativas dos cogumelos. Ela concordou em gravar novamente seu relato pra mim e enviar para mim assim que pudesse.

Algumas semanas depois do ocorrido, e depois de lembrá-la do relato (que acreditei que pelo tempo ela havia esquecido de mandar) recebi um “áudio” de 18 minutos cheio de detalhes, emoções e entonações empolgadas na voz. Resolvi transcrever aqui o relato todo. Assim o fiz para deixar viva as suas “complexidades”. Escolhi por chamar esta interlocutora de Hifa. Hifa é uma parte constituinte dos cogumelos, o conjunto de hifas forma o micélio. Ela é a parte que não se pode ver do fungo, que fica embaixo da terra. Escolhi este nome pela conotação desta história, que parece contar muito mais além daquilo que lemos.

Convido o leitor para participar, junto a minha interlocutora, desta curiosa história:

Hifa diz:

- Então... foi... nossa foi muita coisa, mas foi mais ou menos assim:
- Um sábado uns amigos meus foram colher “cogus”, eu não estava junto na hora da colheita, mas foram colhidos mais ou menos assim 50 a 60 cogumelos. Aí a galera fez um chá com todos, eu não tava junto também na hora do feitiço do chá, mas eles falaram que fizeram com todos os 60. ..Antes de tomar até pensei: Meu Deus (são muitos)! Mas tudo bem, né... aconteceu, vamos lá... Então o chá já em si foi uma concentração muito forte, ele tava grosso. O único problema que aconteceu no dia era que uma de nossas amigas tinha que pegar o ônibus para vir pra Florianópolis às sete horas da noite. E a gente foi “consagrar” em uma cachoeira umas duas da tarde mais ou menos. Só que essa cachoeira era bem longe da rodoviária... então, já estava... né... um rolê errado por tudo como é, antes de tomar já estávamos nos acelerando, coisa que na medicina não dá muito certo. “Mas tudo bem”, fomos para a cachoeira e consagramos, estávamos eu, meu companheiro, uma, duas, três, quatro, cinco (conta em voz alta)... a gente estava em 6 pessoas fizemos um “rezo” e tomamos tudo; isso deu mais ou menos um copo cada um desses de água assim. Aí beleza... a gente consagrou, ficamos lá curtindo a água, fazendo músicas na flauta, tomamos *rapé* também, e você sabe como é o “cogu” né? A gente consagra e parece que não vai acontecer nada, e de repente assim... vem né? Então começou assim na cachoeira, uma força muito forte, aquela força que vem e “treme os queixos”, eu nunca tinha sentido uma forma tão forte assim com os “cogus”. Até então eu tinha comido... a minha dose máxima, foram mais ou menos uns 21 cogus, que eu já comi antes, dessa vez do chá que tô te contando... mas está outra vez foi comido mesmo, que foi a vez mais forte fora essa que eu estou te relatando, então, nossa começou uma força... a força foi sobrenatural, sabe? Muito pensamento, vinham muitos pensamentos. Eu não sei sabe, a gente estava com um brother que tem bastante problema com droga, até crack ele já fumou, tanto que ele foi tomar esses cogus com a gente porque ele tava numa busca assim de querer se libertar também e ele já conhecia a medicina do “cogu” e quis ir tomar com a gente porque ele tava muito afim de usar a medicina pra sair desse mundo assim. E ele tava lá também e começou a entrar em uma força muito forte. Tinha outra amiga

nossa que também estava passando por vários problemas pessoais assim, e ela também estava ficando bem tensa assim. E assim... nossa... parecia que as seis pessoas se uniram. Parecia que a gente virou um ser só e de alguma forma a gente sentia um ao outro muito forte, só que isso já estava insuportável. Mas como a gente estava na cachoeira, na água, cada um foi pro seu cantinho e foi se conectar e até então estava muito forte mas estava tranquilo... ainda né! E beleza.. e muita muita muita força, cada minuto mais. Aquela força que o peito bate e se você olhar pra pele você vê o coração pulsando forte assim. O tempo voou e cada hora mais forte aquela força, ai de repente a nossa amiga falou que tínhamos que passar na casa dela, pegar a mala dela pra gente pegar a estrada e ir pra rodoviária levar ela... E nossa... a gente só se olhou e falou: a gente vai ter que sair daqui mesmo agora? Dai tipo, só de a gente falar “nossa a gente tem que ir” ela meio que já ficou na culpa também. “bá né, eu tô aqui botando pressão na galera”. Só que a gente já sabia que a gente ia ter que sair, tava todo mundo de acordo antes da gente consagrar, então, todo mundo concordou. Beleza, saímos do lugar “voando”, só na presença... e a gente nem conseguia se olhar direito de caminhar assim, tava tudo muito difícil. No meio disso gente se abraçando, gente chorando, gente meio animalesca, o negócio tava sinistro. Aí beleza né, fomos pro carro, entramos no carro assim, nossa... era muita força, enorme... Aí todo mundo se concentrou, estávamos com dois carros, em um carro estavam quatro pessoas, e no outro carro estava essa minha amiga e uma outra. E a gente foi pra casa dela pegar as malas dela, nossa no caminho assim, (isso que a casa dela era perto da cachoeira). Tava assim, meu deus, dentro daquele carro, tava tudo muito alienígena. Todo mundo sentia as mesmas coisas sabe? As poucas vezes que a gente conversava entre nós... porque tipo, não tava dando nem pra conversar, sabe? As poucas vezes que a gente conversava assim... era... a gente concluía que a gente tava sentindo tudo a mesma coisa. A gente tava sendo literalmente o mesmo ser lidando assim com as nossas sombras, sabe? Porque era muito forte, não é que dava medo ou que a gente via coisa ruins, mas era muito a sensação, e era cura né, só que foi pesado. Estávamos no carro e muito pensamento e olhava um pro outro e olhava um pro outro, a gente parecia uns bichos, um com receio um do

outro, tava muito louco. Aí a gente foi na casa da mãe dela... a mãe dela pediu pra gente entrar, a gente tava assim... nem sei a cara que a gente tava... ainda bem que a mãe dela e de boa e a mãe dela sabia que a gente tinha comido uns “cogus”, nós estávamos “mordendo o queijo” e parecia que o tempo não passava. A força cada vez mais forte. Mas beleza né. Botamos as malas no carro e fomos, tivemos que pegar uma estrada na BR, porque era uma cidadezinha perto de Pato Branco, que é a nossa cidade onde tinha a rodoviária que era onde a mina tinha que pegar o ônibus. Então a gente teve que andar uns 20km mais ou menos na BR, e o meu companheiro tava dirigindo, e a gente socou todo mundo no carro. Que a nossa amiga que tava de carro deixou o carro com a mãe dela (que era da mãe dela) e fomos os seis em um carro só. Na frente estava o meu companheiro e o nosso amigo, aquele que te falei dependente de drogas e tudo... E atrás eu e mais três galera tanto que eu estava no colo de uma pessoa, e imagina né, tudo errado. Pensa no perigo, é só os guias pra proteger mesmo porque desde polícia a tudo né, a gente tava tudo sem cinto, entulhado. Pegamos a estrada, colocamos uma músicas, tava tocando O Rappa, lembro até agora... tanto que tocou assim uma parte da música... não sei se você já ouviu: (cantando) passo a perceber ao meu redor outros planos outra cor. Tava tocando essa música e a gente se olhou tipo nossa, até a música tá na vibe aqui, só que tava muito estranho. E estávamos tentando manter mas nao tava dando, sabe? De repente eu só senti assim... nossa senti um aperto no peito muito grande e olhei pro meu companheiro, eu estava atrás do banco dele, ele estava dirigindo e ele tava assim muito ofegante e respirando forte senti muito ele, que ele tava passando mal. Perguntei: - amor você ta bem? ele disse: - não. Nisso que ele falou não, nossa ele tava muito estranho, e eu falei “não, para o carro, para o carro”. E a gente achou um acostamento assim, que entrava uma estradinha assim pro interior, e ele parou o carro. Quando ele parou o carro a força estourou assim, estourou em todo mundo. A gente parou, quando a gente abriu as portas do carro... foi surreal, veio uma infestação de mosquito! Não sei se você já viu aqueles aglomerados de mosquito bem grande que quase forma um ser. Um monte de mosquito, aqueles borrachudinho, que quando a gente vai pro mato picam assim sabe?

Entrou um monte de mosquito e começaram a picar a nossas pernas (conta com emoção na voz) e dava pra ver que estava conectado com a força, sabe? Não sei nem te explicar sabe? Cara, eles entraram no carro com tudo e começamos a sair do carro e aí nisso, a menina que ia embora começou a desabar a chorar assim, e começou a falar umas piras muito loucas (muda tom): nossa porque eu escuto o pensamento de todo mundo, e não sei o que, que eu sei o que vocês tão pensando, que eu to atrasando tudo. Que ela tinha que pegar o ônibus sabe? Só que ninguém tava pensando em nada sabe? E ela parece que ficou meio assim porque o meu companheiro passou mal e teve que parar o carro né, e acho que ele passou mal justamente por estar acelerado e não estar conseguindo dirigir. Imagina né cara, não sei nem como que ele conseguiu. E ela desabou chorar tinha um ponto de ônibus perto, ela sentou. Aí um outro amigo nosso que estava falou nossa, só eu estou sentido isso ou esse negócio tá ficando muito estranho? Porque ele também já comeu cogu muitas vezes e nunca veio uma força daquela sabe? Tipo parecia que a qualquer momento, te juro, ia se materializar assim fisicamente a força do cogu e parecia que ia começar a falar um monte, porque nossa, cara, tava muito forte. E aí aquela mana começou a chorar e falar muita coisa, e falou: “porque eu sei. Ninguém sabe o que eu penso, ninguém pensa como eu penso”. começou a falar umas coisas muito loucas, Eu pensei em falar assim: nossa, calma, mas tipo eu não estava nem aguentando os meus pensamentos quem dirá querer, né, falar alguma coisa, daí a gente só se olhava assim, e tava muito animal a força, e aí quando ela se acalmou, o meu companheiro também se acalmou, tomou um ar, deu uma respirada. Ele disse: “- ó cara, eu falei que não era certo a gente consagrar dessa maneira”. Ele tinha falado isso antes da gente tomar, mas de alguma forma era pra isso ter acontecido. Aí ele disse, então vamo nessa. aí nisso a menina já não queria mais ir, falou que ia outro dia, que ia mudar a passagem do ônibus, aí o meu companheiro falou, não, tamo aqui agora eu vou te levar sem problema, não se estresse. E ela tava numa pira, ela entrou numa pira de culpa sabe? E ninguém conseguia falar nada sabe, era muita força. Era de dia, era 7 da noite que a gente ia pegar o ônibus aí deu certo, a gente chegou na rodoviária na hora. Estávamos passando uns dias nos nossos parentes, tinha

esquecido que a gente já tava morando em floripa, e a gente tava morando com essa menina já, aí o que aconteceu, quando a gente foi dar tchau pra ela, nossa ela começou a falar muita coisa, tipo não sei se ela se ligou ou se ela realmente quis e começou a desabafar coisas que ela pensava do meu companheiro, e começou a falar um monte de coisa, que sabia que ele pensava. E que queria pedir desculpas se ela estava fazendo alguma coisa errada. Mas a gente nunca tinha rolado nada, de alguma forma ela estava exteriorizando os pensamentos negativos em relação a ele, sabe? Na cara dele, ela começou a falar um monte, ela falou um monte, chorava chorava muito, e o meu companheiro só ficou olhando e concordando levemente, na superforça ouvindo um monte de coisa, nossa, e todo mundo com os olhos estalados na frente da rodoviária, no final ela pediu desculpas e disse que estava aprendendo muito com a gente, mas foi uma coisa muito louca assim. Nossa o aprendizado não sei te explicar, foi isso dessa vez, foi a vez mais forte. Sabe o que tirei dessa vivência? Ela revelou umas verdades muito profundas, e de cada um, só que parece que as verdades de cada um se juntaram, sabe? e era como se todo mundo sentisse a mesma coisa, tivesse passando pela mesma cura profunda, e era uma cura doída sabe? Era muita verdade, nos pensamentos, mas tipo, não era uma verdade pra gente sentir culpa, era uma verdade pra gente transmutar, só na hora sabe como é que é né? Às vezes a gente né, perde o controle, principalmente essa nossa amiga... ela estourou bastante, ela não conseguiu se controlar e falou várias coisas que ela não gostaria de ter falado ou daquela maneira que ela falou pro meu companheiro sabe? Enfim, foi isso, foi muito forte.

Ah e teve outras vezes né mana, que lá na nossa cidade tem muito cogu, choveu, deu sol, tem um lugar especial lá que dá muito cogu e a gente sempre ia lá. Já comeu de diversas formas (consagrou) já tomou chá já comeu de colher e comer direto que é uma força muito incrível assim você comer, quer dizer, colher, comer e ficar no lugar. De deitar, a noite assim, de madrugada, comer, deitar no lugar, ver as estrelas e ficar um certo tempo fixa olhando pras estrelas a ponto de ver a terra girar, tipo ver o movimento da terra assim... Muitos ensinamentos dos povos das estrelas, que de alguma forma a gente é da terra mas também do universo, sabe? Eu não sei explicar muito

bem. Várias, várias experiências em relação a isso. Principalmente neste dia que a gente viu a terra girar assim, eu nem sei, mas foi uma percepção incrível porque foi a primeira vez que eu me conectei dessa forma com as estrelas... e com a percepção de estar dentro do planeta terra e de ser um organismo dentro de outro organismo que está dentro de outro organismo, sabe? Muito bom.

Essa história é um exemplo da perseguição que as narrativas sobre os cogumelos acabavam fazendo comigo. De alguma forma, era quase como se eu tivesse aberto as portas e mosquitos transformados em histórias chegassem como infestação sem eu ter exatamente pedido, no entanto, uma vez que eu tomei para mim que a pesquisa estava sendo feita também daquela forma, abri-me para escutar as histórias vindas das experiências com os cogumelos psicodélicos. Assim, como se já estivessem ali esperando, começaram a entrar por entre as frestas da minha escuta. Felizmente, neste momento eu já estava com os potes a mão para capturar um desses mosquitos e trazê-lo para os outros verem, bem parecido com o que faz uma criança ao caçar um pequeno inseto e correr para mostrar a seus pais.

Essa metáfora da criança cabe-me bem. No meio dessas narrativas encontrava tantos elementos que sentia-me como uma criança que recém abriu os olhos em uma piscina de bolinhas, cores diferentes e infinitas possibilidades de combinar as cores. Dessa forma, essa narrativa pode ser lida de várias maneiras possíveis e também diversos outros aspectos podem ser apontados. Não teve jeito... tive que escolher um ponto de partida sobre aquilo que me chamava mais atenção. No entanto, é importante que o leitor esteja atento para a multiplicidade dos pontos dessa história e não os ignore frente aos meus destaques. Pois é justamente essa pluralidade que acredito ser interessante. O leitor que não ficar satisfeito terá de me perdoar por não corresponder às suas expectativas de tratamento da narrativa, mas, igualmente, está convidado (como se antes já não estivesse) a pensar junto.

A história de Hifa foi trazida até mim, com as palavras dela, de forma entusiasmada e me pareceu rica para pensar tanto os cogumelos quanto a questão da narração e da escrita. É importante dizer que minha intenção aqui não é esmiuçar todo seu relato explicando o que ela “talvez” quisesse dizer. Desde a minha perspectiva (invariavelmente prismada sobre um certo ponto de vista, e por isto mesmo parcial e injusta com a perspectiva “nativa”), busco encontrar os aspectos mais interessantes dessa narrativa que me geraram reflexões a partir da compreensão que Hifa faz de sua própria experiência. Esta minha busca por aspectos

interessantes, obviamente não exclui o prisma pelo qual penso e questiono, afinal ele mesmo é o filtro que me faz definir quais aspectos são interessantes ou não.

No entanto acredito que contrastar no texto esta limitação já é grande parte do meu posicionamento em pesquisa. Estou longe daquele pesquisador de jaleco que acredita ter descoberto algo usando as ferramentas da ciência moderna detentora da verdade (a qual, na verdade, estou questionando aqui)... Pelo contrário, sou mais o tipo de um cientista-maluco de avental colorido interessado por perguntas que, se podem ser respondidas, não o serão por mim. Aqui eu apenas aponto minhas reflexões, e a partir delas penso este trabalho... Através das entrevistas os aspectos significativos são apontados pelas palavras dos sujeitos e eu resolvi caçá-los (ou ser caçada por eles).

Na história de Hifa, a medida que ela contava, as cenas formavam-se em minha cabeça e a entonação em sua voz vibraram junto com os meus sentimentos. Chamaram-me atenção, os adjetivos que Hifa usou para contar sua história. Eles geraram em mim algum grau de compreensão da complexidade e da estranheza da situação. Em um dado momento, quando ela e seus amigos saiam da cachoeira em direção ao carro, Hifa produziu uma certa pausa em seu discurso e em seguida disse com certo tom de humor em sua voz: “o negócio foi sinistro”. “Sinistro” do latim “sinistrum” que no “dicionário Aurélio” enquanto adjetivo significa: um “acontecimento muito negativo ou que provoca muitos danos”; uma “avaria ou prejuízo grande”; pode designar canhoto (diz-se sobre quem é canhoto), aquele “que tem maior habilidade com o lado esquerdo do corpo, em especial com a mão, do que com o lado direito”; uma gíria para uma situação interessante, muito legal, “irada”; algo “que tem mau aspecto, que ameaça desgraças, que indica pavor, funesto; desgraçado”¹⁵. No relato, seu “sinistro” me chamou atenção e acredito que com ele possamos aprofundar a discussão daqui pra frente...

Quando ouvi Hifa, minha primeira percepção é que este acontecimento estava para lá da “normalidade” e junto com o resto do seu relato concluímos também, para lá do que se consideraria como “segurança” - isto é, o dirigir do carro sob o efeito dos cogumelos, o que Hifa diz que era errado (“desde o começo”) - uma situação em onde havia um “mau aspecto” uma “ameaça” de risco. Hifa conta sua história para mim ao mesmo tempo em que evoca uma certa “incomunicabilidade” da experiência. Ela me diz: “não sei te explicar” e no final da conversa: “um aprendizado que não sei te explicar”. Seu esforço de me explicar é seguidamente adjetivado com “foi surreal”, “estranho”, “louco”.

¹⁵ <https://dicionariodoaurelio.com/sinistros>

Enquanto estava no momento de escrita desta pesquisa, um professor, para quem eu havia mandado uma parte do trabalho, questionou-me sobre minha forma de tratar as narrativas. Uma vez que há um capítulo em que eu comento sobre a “intangibilidade” das experiências contadas (no caso, que a minha escrita talvez não chegue na experiência do contar, e que as experiências contadas talvez não ilustrem as experiências vividas em sua totalidade) e ainda assim, estou falando sobre essas histórias (e as experiências) através das narrativas. Sendo assim, até onde elas são, de fato, intangíveis? Se a linguagem é ligada a percepção tornando-a comunicável, que falta a linguagem que não integra o fenômeno? Que falta a mim e minha capacidade de escrita para falar ou compreender um *evento psicodélico* ou uma ideia sobre ele?

Afinal, como comunicar o (pelo menos aparentemente) “incomunicável”? Quando Hifa diz-me que “não sabe explicar”, este aspecto do “incomunicável”, do irreduzível as palavras é acionado em mim. Como falar sobre algo que muitas vezes é irreduzível as palavras? Como falar sobre algo de que não se pode falar, ou tocar este invólucro das percepções? Ao meu professor respondi que não sabia ao certo, apenas percebia que havia uma tentativa de comunicar a experiência com os cogumelos. Tentativa essa que vinha do interesse (também) de meus interlocutores. Se há algo para se comunicar... o comunicável, portanto, interessa-me. Mesmo que este comunicável signifique dizer que é “incomunicável”, por assim dizer. Satisfaz-me que este “incomunicável” apareça no texto, nem que seja em suas entrelinhas.

No filme de Richard Linklater, 2001, chamado *Waking Life*, um filme produzido através de uma técnica de animação denominada fotoscopia (em que se desenha frame a frame por cima do filme) conta a história de um personagem que vive sonhos dentro dos sonhos e neles encontra-se com outros indivíduos com quem conversa sobre questões existenciais e espiritualidade.



Imagem 3 e 4: Imagens do Filme Waking Life. Fonte: Acervo pessoal

Num desses encontros, uma mulher desconhecida (não há apresentações no filme) inicia um monólogo sobre linguagem e comunicação, ela diz:

"a criação vem da imperfeição. Parece ter vindo de um anseio e de uma frustração. É daí, eu acho, que veio a linguagem. Quero dizer, veio do nosso desejo de transcender o nosso isolamento... e de estabelecer ligações uns com os outros. Devia ser fácil quando era só uma questão de mera sobrevivência. 'Água'. Criamos um som para isso. 'Tigre atrás de você!' Criamos um som para isso. Mas fica realmente interessante, eu acho... quando usamos este mesmo sistema de símbolos para comunicar tudo de abstrato e intangível que vivenciamos. O que é 'frustração'? Ou o que é 'raiva' ou 'amor'? Quando eu digo 'amor'... O som sai da minha boca e atinge o ouvido de outra pessoa... viaja através de um canal labiríntico em seu cérebro... através das memórias de amor ou falta de amor. O outro diz que compreende, mas como sei disso? [...] E tanto de nossa experiência é intangível. Tanto do que percebemos é inexprimível. É indizível. E, ainda assim, quando nos comunicamos uns com os outros... e sentimos ter feito uma ligação, e termos sido compreendidos... acho que temos uma sensação quase como uma comunhão espiritual. Essa sensação pode ser transitória, mas é para isso que vivemos."

(11:23m)

A passagem aponta que existe a possibilidade de não sermos completamente compreendidos, como a música “Alívio Imediato”, do “Engenheiros do Hawaii” sugere que há: “um muro de concreto entre nossos lábios”. E de que, no entanto, e ao mesmo tempo (na mesma música) afirma-se que: “não há nada de concreto entre nossos lábios”. Pois no momento em que nos sentimos compreendidos há o que a mulher desconhecida chama de transcender nosso isolamento através desta comunicação, onde há o sentimento de ter-se feito uma ligação.

Perguntei-me algumas vezes se para Hifa faria diferença, ao contar a história, se eu não fosse uma usuária de cogumelos, ou não compartilhasse com ela certas significações de mundo por já ter usado o fungo. Este questionamento veio quando ela se voltou para mim, logo no início do relato perguntando ou afirmando (pois não ficou claro para mim) se (que) eu “sei como é”: “e você sabe como é o “cogu” né? [...]”. Essa atitude de Hifa faz com que se torne necessário que eu saliente meu lugar múltiplo enquanto pesquisadora, frequentemente lembrado pelo meu orientador, pois dentro do meu lugar de fala sou ao mesmo tempo um sujeito que já compartilhou experiências relacionadas aos cogumelos e uma pesquisadora interessada sobre. Eu nunca respondi a Hifa se eu “sabia como era”.

Tampouco jamais a questioneei sobre a forma como que me contou a história, ou tampouco sobre seus motivos de contá-la para mim... Mas acredito que este tipo de (auto)reflexão seja importante para pensar meu lugar enquanto ouvinte, não como “qualquer” ouvinte, mas alguém que conhecia parte deste mesmo universo de percepção e também do contar. Sei que Hifa estava com disposição de comunicá-la para mim, e talvez, depois que fez ela pode ter a esperança de ser compreendida por mim.

Agora mesmo, enquanto estou sentada em minha mesa de escrever, em frente ao meu computador com um livro e um café como companhias, faço um esforço para, através destas palavras que escrevo, ser compreendida pelo leitor ou leitora... (os quais espero, não estejam entediados). E pelos quais fico aguardando essa comunhão transcendental, o esperado: faz sentido, ou entendi. Estou disposta a comunicar estes relatos, com a esperança de ser compreendida em minha intenção não de entender, mas de compreender um relato tão denso e complexo pelo que ele é.

3.1. APRENDIZADOS

No carro de Hifa, quando todos estão passando o mais “estranho” processo, começa a tocar uma música no rádio. Pela maneira com que Hifa contou-me, a escolha da música não pareceu ser “de propósito”, mas uma aparente “coincidência” extremamente significativa. “Pegamos a estrada, colocamos uma músicas, tava tocando O Rappa¹⁶, lembro até agora... tanto que tocou assim uma parte da música... não sei se você já ouviu: (cantando) passo a perceber ao meu redor outros planos outra cor. Tava tocando essa música e a gente se olhou tipo nossa, até a música tá na vibe aqui, só que tava muito estranho”.

Hifa nos conta que em um determinado momento de sua aventura, todas as pessoas estavam sentindo uma a outra “mas isto estava insuportável”, e no final, quando me conta sobre seu “aprendizado”, ela diz: “as verdades de cada um se juntaram, sabe? E era como se todo mundo sentisse a mesma coisa, tivesse passando pela mesma cura profunda, e era uma cura doída sabe?”. Um pouco antes ela diz “a gente tava sendo literalmente o mesmo ser lidando assim com as nossas sombras, sabe?”.

O que essas passagens dizem sobre o que Hifa entende sobre o que é o mundo? Ela conta uma outra vez que usou os cogumelos: “De deitar, a noite assim, de madrugada, comer, deitar no lugar, ver as estrelas e ficar um certo tempo fixa olhando pras estrelas a ponto de ver a terra girar, tipo ver o movimento da terra assim, muitos ensinamentos dos povos das estrelas, que de alguma forma a gente é da terra mas também do universo, sabe? Eu não sei explicar muito bem [...] principalmente neste dia que a gente viu a terra girar assim, eu nem sei, mas foi uma percepção incrível porque foi a primeira vez que eu me conectei dessa forma com as estrelas, e com a percepção de estar dentro do planeta terra e de ser um organismo dentro de outro organismo que está dentro de outro organismo, sabe? Muito bom”.

Em contrapartida da primeira história, esta segunda parece ser bem menos assustadora. Mas em ambas Hifa salienta que aprendeu lições em ambas as situações. A primeira, segundo ela mesma, fora uma espécie de encontro com as sombras e a possibilidade de uma cura (que foi doída, como ela nos diz), a segunda deu a ela uma percepção diferenciada de seu lugar no mundo. Hifa nos fala do contato com os “povos das estrelas” e os ensinamentos que vieram através deles. Nunca a questioneei sobre o que ela queria dizer com isso, pois assumi que seu

¹⁶ Música: O Rappa - Boa Noite Xangô.

discurso “diz o que diz” (ou não diz o incomunicável). Que aponta sobre a possibilidade de outros planos e outros entendimentos sobre o mundo. Que existe a possibilidade de “outros planos e outras cores” e que através da experiência com cogumelos Hifa pode perceber e acessá-los. Ela conta que “viu a Terra girar” que viu-se como um organismo vivo, dentro de outro organismo vivo...

Há muitas formas de entender o que ela nos traz. Poderíamos simplesmente dizer que essas percepções são fruto de uma consciência alterada por um psicodélico e nada tem haver com a “realidade”, que é uma “mera alucinação”. Como coloca Júlio Delmanto, mestre em História Social na USP,

“se não pode necessariamente ser descartada para todas as formas de consumo das diferentes drogas, a hipótese da fuga da realidade como generalizante [“alucinação”] deve ser olhada com desconfiança, uma vez que busca generalizar diversos usos de diversas substâncias – feitos por diversos tipos de pessoas inseridas em ainda mais diversos contextos sociais – dentro da mesma chave explicativa” (DELMANTO, 2013; p.80).

Isto é, é preciso considerar outras formas de interpretação e de considerar mais profundamente as possibilidades que Hifa trouxe enquanto percepções verdadeiras para ela.

Quando comecei a fazer a pesquisa, eu comumente usava a expressão “estados alterados de consciência” para designar o que acontece com os sujeitos que usam substâncias psicodélicas. No entanto, Alberto Groisman (meu orientador) aconselhou-me a não usar essa expressão para referir somente ao uso de substâncias psicoativas. Isto porque, segundo ele, este termo supõe um conceito hegemônico e único sobre o que é consciência. Primeiro, não sabemos explicar o que é a consciência, segundo, não podemos sustentar que permaneçamos em um único estado de consciência. Se existir esta “coisa”, podemos argumentar que ela se altera todo o tempo. Ele me perguntava: “o próprio ato de escrever altera sua consciência, não é?”. Alteramos nosso “estado” enquanto estamos caminhando, conversando, dançando, ou sentados inocentemente nos sofás das nossas salas assistindo televisão e comendo pipoca. Vivemos todos no mesmo estado de consciência? Como é possível comparar ou admitir isto? Estamos todos condicionados a experienciar a realidade num estado em que de repente coisas novas, *bizarras* ou inesperadas aconteçam. Tudo isto para trazer a possibilidade de que nem sempre podemos explicar tudo com nossa lógica racionalista e de que talvez outros planos e outras cores possam ser considerados para explicar o mundo.

4. O ALIEN

Durante a primeira parte da pesquisa, além das viagens de carona e das histórias dentro dos carros, o principal interlocutor com quem conversei sobre os cogumelos foi Himênio (cujo motivo do pseudônimo explicarei adiante). Ele foi um grande inspirador e fonte de muita informação e, além disso, mostrou-se interessado em contribuir com a pesquisa desde o momento em que comentei com ele sobre meu interesse pelo tema. Na verdade, eu e ele facilmente nos empolgamos em conversas sobre as substâncias psicoativas, o que me proporcionou uma boa dose daquela sensação de que “era hora de escrever” e mais do que isso, que eu teria conteúdo interessante para escrever.

Himênio é um assíduo estudioso sobre as plantas de um modo geral. Tem uma horta relativamente grande em sua casa e é comum ouvi-lo falar termos técnicos sobre as plantas provindos dos seus livros de biologia. Divertia-me em sua casa olhando as diferentes espécies que cultivava: sálvia, morangos silvestres, dois tipos de manjerição... Nada era muito extravagante em tamanho ou quantidade, mas dava-me aquela impressão de que ele tinha “jeito pra coisa”... a mesma sensação que eu tinha quando eu via meu avô plantar em casa quando eu era pequena. Naquela época todos da minha família comentavam que meu avô tinha “mão boa pra plantar”. Pra quem não tem muito “dom” com as plantas - escrever sobre elas parece-me mais fácil do que fazê-las crescer saudáveis... - essa qualidade de Himênio sempre me deixou admirada. De vez em quando eu pedia umas dicas para cuidar da minha horta de ervas nem-tão-bem-sucedida-assim. Pela admiração, eu costumava repetir a expressão da minha família para Himênio: “você tem uma boa mão para plantar”. Ele sorria, parecendo satisfeito e orgulhoso pelo elogio.

Himênio parecia interessar-se por plantio como um todo, porém era claro para mim que ele tinha um interesse todo especial com plantas e substâncias psicoativas. No entanto, percebi que chamava sua atenção, principalmente, o caráter curativo ou benéfico que estas plantas ou substâncias podiam proporcionar¹⁷. Do telhado de sua casa até o meio da varanda desce uma trepadeira cujas sementes Himênio disse que ajudam em casos de crise de enxaqueca¹⁸. Em cima de sua casa cresciam fortes dois cipós da espécie *Banisteriopsis caapi*, também conhecido por Jagube ou Mariri, do qual (em união com a folha do arbusto

¹⁷ Talvez por sua experiência junto ao grupo do qual falei na introdução.

¹⁸ Ou dores de cabeça

Psychotria viridis - também conhecida como chacrona ou rainha) se produz a bebida ayahuasca - substância usada na casa com fins curativos no grupo. Da mesma forma, seu interesse com cogumelos psicodélicos voltava-se bastante para suas propriedades curativas, e isto está de encontro com seu trabalho com eles (os cogumelos) do qual escreverei mais ao longo deste capítulo.

Havia uma coisa na casa de Himênio que eu considerara especialmente “excêntrica”. Eu já sabia naquela época que era ele quem fornecia os cogumelos da espécie *Psilocybe cubensis* para os rituais do grupo - motivo que me fez colocar seu pseudônimo de Himênio, (parte do cogumelo que guarda os esporos reprodutivos usados para cultivar os fungos) mas eu nunca havia visto o método que ele utilizava para “cultivá-los”. Até que, num dia em que me encontrava com o grupo - anotei em meu caderno de campo que era um clássico domingo de Sol - decidimos (eu mais cinco pessoas) fazer um almoço. A casa de Himênio, como era comum, foi nosso ponto de encontro e onde aconteceu o almoço daquele dia. Conversamos, tocamos violão e beliscamos a comida até que o filho de dois amigos meus (também integrantes do grupo), que até aquele momento brincava de catar e comer os morangos silvestres no quintal, correu até a varanda, onde estávamos, e disse: Himênio, eu quero ver o laboratório!

Como um cão que levanta as orelhas ao ouvir um barulho estranho do lado de fora da casa, levantei a cabeça do violão que eu dedilhava e prestei mais atenção ao movimento. Himênio levantou-se olhando para o menino e disse calmamente: “vamos lá”. Eu prontamente levantei-me, colocando o violão de lado num movimento rápido, e disse: “eu também quero ver o laboratório”. Sem muita cerimônia Himênio só sorriu levemente (como tem costume de fazer) e começou a caminhar em direção ao interior da casa, ele era seguido pelo menino, sua mãe e por mim, que não podia deixar de sentir um certo tom de “mistério” naquilo tudo. Andamos pela casa (que é relativamente grande) e ao lado da escada que sobe para os outros cômodos, o caminho continuava por um corredor até uma pequena porta. Senti-me em um filme de suspense, naquelas clássicas cenas em que os sujeitos do enredo estão prestes a descobrir algum elemento atrás de uma porta nunca antes aberta, quando há o sentimento de expectativa, da *surpresa*. Quando os personagens entram em cena embalados por uma música vibrante, ascendente, estilo Indiana Jones (que mesmo clichê serve bem a metáfora).

Himênio, que não parecia estar buscando criar qualquer clima especial para as minhas expectativas cinematográficas, simplesmente abriu a porta, e lá estava um pequeníssimo

cômodo com algumas prateleiras e um pequeno armário com gavetas. Himênio disse que naquele momento não tinha nenhum cogumelo para nos mostrar pronto para colher. Tirou de uma gaveta alguns cogumelos secos e nos mostrou.

A partir deste dia, passei a ter um diálogo mais frequente (e insistente) com Himênio. Sempre que nos encontrávamos eu dava um jeito de fazer alguma pergunta sobre os cogumelos, e quando eu não o fazia, Himênio vinha com as ideias: “talvez seja legal falar isso no seu tcc...” e começava a falar empolgado sobre o que eram os esporos, sobre como eram as técnicas de cultivo do cogumelo, seus efeitos e recomendações de uso. Além disso, eu e Himênio e o interesse em comum pelo uso do cogumelo fez com que nossas conversas tivessem um ânimo ímpar: éramos como arqueólogos impetuosos que se transformam em crianças quando descobrem juntos que uma lasca de pedra tem a possibilidade de ser algo importante.



Imagem 5: Cogumelos brotando no laboratório de Himênio.
Fonte: enviadas a mim pelo próprio Himênio.



Imagem 6: Cogumelos mais ;'maduros'' no laboratório de Himênio.
Fonte: enviadas a mim pelo próprio Himênio.

Assim, frequentemente era Himênio quem vinha até mim com alguns detalhes sobre os cogumelos psicodélicos e, ainda mais constantemente, era comum que viesse com amplas referências bibliográficas. Himênio não somente possui diversos livros de cultivo de plantas em sua casa (o qual fez questão de emprestar-me alguns referentes aos cogumelos) como passou-me uma coleção de livros sobre psicoativos e sobre os cogumelos. Tenho uma pasta em meu computador cheia de livros digitais, todos compartilhados comigo por Himênio, e que

está carinhosamente nomeada como “Livros de Cogu¹⁹”. Lá estão livros de Albert Hoffman - o inventor do LSD, substância psicodélica que ficou conhecida nos anos 60 nos Estados Unidos - Paul Stamets - um micologista e ativista ambiental, e, principalmente, uma coleção de livros e audiobooks do autor Terence Mckenna.

Terence Mackenna é conhecido por seus livros nos quais faz a descrição de suas experiências com psicoativos²⁰, não somente com os fungos, mas com uma diversidade de outras substâncias. Ele também ficou famoso por suas teorias de “evolução humana” através do uso dos cogumelos. Segundo Mckenna (1991), foi o consumo de cogumelos psicodélicos que fez o salto da inteligência humana. Percebi que as teorias e ideias de Terence Mckenna começaram a fazer-se presentes em minhas conversas com Himênio (talvez elas sempre tenham sido presentes, não sei bem ao certo foi quanto ao momento em que prestei mais atenção neste aparecimento. Fato é que eu as percebi, e que busquei não deixá-las escapar).

Isto é, por diversas vezes, passagens dos livros, experiências do autor e suas percepções passaram a fala de Himênio enquanto dialogamos. Percebi que da mesma forma Carlos Castaneda e Aldous Huxley eram também trazidos de vez em quando por Himênio como referência. O que estes três autores tem em comum? Terence Mackenna escreveu diversos livros teorizando e contando suas “trips” com cogumelos psicodélicos e outros tipos de substâncias. Ele criou livros dos áudios que gravava em suas palestras e percebeu que o que contava tocava as pessoas. Carlos Castaneda, um antropólogo que foi questionado por sua profunda imersão em seu campo, pesquisou durante anos com um *brujo* do México, Dom Juan, quem o introduziu na utilização de plantas e substâncias psicodélicas (incluindo a experiência com uma espécie de cogumelo que Castaneda, no livro, a Erva do Diabo - ou no título original *Theachings of Dom Juan* - disse que não soube identificar, Dom Juan o chamava apenas de *cogumelito*). Já Aldous Huxley, romancista conhecido por seus romances distópicos, escreveu o livro “Portas da Percepção” em que conta sobre sua mudança de perspectiva sobre o que é a vida após experiências sob efeito da *mescalina* (substância extraída do cacto conhecido como *peyote*, de tradição mexicana²¹).

¹⁹ Modo carinhoso que adotei para falar dos cogumelos, mesmo modo que alguns sujeitos de pesquisa também, por vezes, adotam.

²⁰ Alucinações Reais (1989), O Alimento dos Deuses (1992) são exemplos.

²¹ “Em uma narrativa fluida, Huxley descreve a sua visão de mundo após interferir nessa seletividade a qual o cérebro em seu estado basal está acostumado a funcionar. Apesar de sua inicial decepção com as sensações – ele achava que teria visões e alucinações semelhantes ao estado de um esquizofrênico – ele percebe que passa a dedicar mais tempo da sua atenção a detalhes que antes lhe passariam despercebidos, como, por exemplo, o contorno de um vaso, a cor das pétalas de flores e o incômodo que, de certa forma, aquela combinação lhe

Analisando rapidamente, identifiquei que todos os três autores (Mckenna, Castaneda e Huxley) contam sobre suas experiências com substâncias psicodélicas. Ao perceber que Himênio os trazia, algumas perguntas começaram a surgir a partir do aparecimento destes autores em meu campo. Uma vez que eles apareceram, fiz dos meus ouvidos ferramentas mais atentas para ouvi-los por dentro da fala do meu sujeito de pesquisa. Uma vez que percebi isto a importância que tinham para meu interlocutor, devido a suas citações e inter-citações destes autores em sua fala, assumi, por conseguinte, que isto deveria ser importante também para mim. Uma vez que pretendo, por tanto, importar-me com as palavras dos meus sujeitos de pesquisa.



causava. Entretanto, nada disso era mais importante para ele do que a reflexão que essa observação lhe causou: o milagre da existência, sem julgamentos. As coisas apenas existem e são importantes na sua efemeridade” (<http://www.comciencia.br/as-portas-da-percepcao-aldous-huxley/>)

Imagem 7: Mão de Himênio segurando cogumelos recém colhidos por ele, provindos de seu cultivo em laboratório. Fonte: enviadas para mim pelo próprio Himênio.

Levando esta reflexão adiante, trago agora uma das conversas que tive com Himênio (uma das poucas que tive oportunidade de gravar). Estávamos no carro, naquele dia ele estava dando-me uma carona em direção ao sul da ilha, íamos até a casa onde o *grupo* se reunia. O curioso desta gravação é que ela iniciou-se desde o meio da conversa (só cliquei para iniciar a gravação depois de algum tempo de diálogo), de forma que eu não consigo recordar o conteúdo dela completo... A gravação (que transcrevi aqui) pode parecer confusa ao leitor caso eu não intervenha com alguns parêntesis, pois embora seja Himênio falando, várias vozes o permeiam sem serem antes, por ele, anunciadas. Sendo assim, o leitor já sabe que o parêntesis presente na transcrição abaixo é, obviamente, meu, e só está ali para anunciar *quem* ou de *quem* está se falando. A gravação começa com a voz de Himênio falando:

- Segundo ele (Terence Mckenna), foi o que tirou a gente da animalidade (o consumo de cogumelos psicodélicos), o que tornou a gente seres humanos. E o cogumelo, num texto que o Terence escreve, diz assim: (cogumelo falando) “*ah... meu corpo está espalhado aí pela Galáxia, ele toca a matéria de um jeito muito sutil*”. (Himênio explica): O micélio é nada, são só conexões não tem uma... uma matéria, forte, sabe? (Cogumelo fala): “*Então eu preciso de animais para que me ajudem a mover o mundo. Eu tenho muita informação e faço contato entre várias partes mas eu... eu abdiquei dessa forma corpórea pra poder ter... eu escolhi*”... (Himênio explica): Porque pra ele, tipo, uma civilização muito avançada que tenha domínio de tecnologias de manipulação de DNA, não iria estar presa a uma forma.
- Pra ele quem?
- Pro Terence sobre os cogumelos... Ele não sabe se é tipo uma sonda ou se é o próprio Alien...
- Hm...
- Entendeu?

Nesta passagem, além de citar a “teoria de evolução” de Mckenna, Himênio narra um escrito do autor onde este passa a escrever com “outra voz” no texto. Quem fala no texto é, na verdade, o próprio cogumelo, explicando um pouco sobre quem é e porque seu corpo tem uma

substanciação tão pequena e frágil, como o micélio²². Existe de a possibilidade do cogumelo comunicar-se, passar informações e conhecimentos sobre o mundo?

E se os cogumelos falassem, o que eles diriam sobre este trabalho? Poderia-se brincar e pensar que as palavras aqui são como o micélio do cogumelo, elas são um corpo frágil, uma substância que pode ser comida, mas que vai levar-lhe possivelmente além do que seu sabor ou do simples vibrar dos sons dentro da boca, na possibilidade de estabelecer o que gostamos de chamar de *comunicação*. É possível pensar que as palavras apontam para além do que dizem? Para um tipo diferente de comunhão, assim promovendo o que chamamos de comunicação? O que é comunicação?

Carlos Castaneda (1968) descreve diálogos que ele teve com o cacto peyote, manifestado em formas diferentes em sua “viagem” psicodélica. Em uma passagem do livro a Erva do Diabo (CASTANEDA, 1968), Castaneda e Don Juan vão encontrar o cacto psicodélico, peiote, no meio do deserto. Castaneda e Don Juan mastigam o peiote e o autor segue contando sobre o forte efeito do cacto. Narra suas visões geradas pelo seu uso e os fortes processos corporais (choques de adrenalina e medo, desmaios e etc). Até que Don Juan “anuncia” que existe algo entre eles: “Meus músculos enrijeceram” escreve Castaneda “- Anuhctal (foi como entendi a palavra dessa vez) está aqui” disse Don Juan. “Imaginei o rugido tão trovejante, tão avassalador, que nada mais importava” (CASTANEDA, 1969; p. 51) disse Castaneda. O autor conta que ficou olhando fixo o riacho a frente dele até que este riacho transformou-se em um grande lago. Após um tempo ele conseguiu distinguir o ruído e identificar uma melodia específica. Ele descreve sua experiência:

“Depois de algum tempo, recuperei um pouco de estabilidade e levantei-me. No luscofusco, a cena era muito clara. Dei alguns passos. Ouvei um som nítido de muitas vozes humanas. Pareciam estar falando alto. Acompanhei o som; andei uns 50 metros e parei de repente. Tinha chegado a um beco sem saída. O lugar em que eu estava era um curral formado por rochas imensas. Distinguia outra fileira delas, depois outra e mais outra, até se fundirem na montanha. Do meio delas vinha a música mais suave. Era um fluxo fluido, ininterrupto e misterioso de sons. Ao pé de um dos rochedos, vi um homem sentado no chão, o rosto virado quase de perfil. Aproximei-me dele até estar a uns três metros de distância; ele virou a cabeça e olhou para mim. Parei. . . seus olhos eram a água que eu acabava de ver! Tinham o mesmo volume enorme, o brilho de ouro e negro. A cabeça dele era pontuda como um morango; sua pele era verde, cheia de muitas verrugas. A não ser a forma pontuda, a cabeça dele era exatamente igual à superfície da planta de peiote. Fiquei defronte dele, olhando; não conseguia afastar os olhos dele. Senti que ele estava propositadamente empurrando meu peito com o peso de seus olhos. Eu estava

²² Micélio é descrito aqui como corpo do cogumelo. Denomina-se micélio a rede formada pelo conjunto de hifas (filamentos de células) que formam a estrutura do fungo.

sufocando. Perdi o equilíbrio e caí no chão. Desviou o olhar. Ouvi que falava comigo. A princípio, a voz dele era como o farfalhar de uma brisa suave. Depois a ouvi como uma música - uma melodia de vozes - e "sabia" que estava dizendo: "O que quer?" Ajoelhei-me diante dele e falei sobre a minha vida e depois chorei. Tornou a olhar para mim. Senti que seus olhos me puxavam e pensei que aquele momento seria o momento de minha morte. Fez-me sinal para me aproximar. Vacilei por um momento antes de me adiantar um passo. Quando me aproximei, desviou os olhos de mim e mostrou-me as costas da mão. A melodia dizia: "Olhe!" Havia um furo redondo no meio da mão dele. "Olhe!", tornou a dizer a melodia. Olhei através do buraco e vi minha própria imagem. Eu estava muito velho e fraco e estava correndo encurvado, com faíscas brilhantes voando em volta de mim. Então, três das fagulhas me atingiram, duas na cabeça e uma no ombro esquerdo. A figura, no buraco, ergueu-se por um momento, até estar inteiramente vertical, e depois desapareceu com o buraco. Mescalito voltou novamente seus olhos para mim. Estavam tão perto de mim que eu os "ouvi" ribombar baixinho com aquele ruído especial que eu já ouvira tantas vezes naquela noite. Foram-se aquietando aos poucos, até se tornarem como uma lagoa tranqüila, arrepiada por brilhos dourados e negros. Desviou o olhar de novo e saltou como um grilo por uns 50 metros. Pulou várias vezes e depois desapareceu" (CASTANEDA, 1998; p. 51).

No relato de Castaneda ele descreve seu encontro com um ser, o qual ele denomina de "mescalito", o qual a princípio assume uma forma estranha, de cabeça pontuda e olhos que são o próprio riacho que observava. O mescalito vem para Castañeda através de uma experiência psicodélica com o cacto peiote, assumindo, como o autor descreve, o formato do próprio peiote (sugerindo, portanto, ser o próprio peiote). O interessante deste trecho, para mim, é o diálogo que o autor teve com este ser. Castaneda conta que o peiote lhe pergunta: "o que quer" e Castaneda acaba que por contar a história da sua vida. Considero que este momento do livro aponta sobre aquela possibilidade que mencionei acima: uma comunicação entre humano e a um cacto. Além disso, o "Mescalito" parece responder de volta para Castaneda com uma espécie de mensagem simbólica, com uma informação.

Castaneda não é o único a narrar uma experiência do tipo. Não foi incomum escutar alguns sujeitos de pesquisa, em grande parte pertencentes ao grupo, falarem dos cogumelos como se tivesse algum tipo de agência, como se pudessem comunicar-se ou como se fossem; ou pudesse ser; ou que de fato são; um "ser pensante" (e falante, afinal de contas). Assim como quando aparece no exemplo etnográfico anterior (no título "Mosquitos e Cogumelos") na história de Hifa sobre o momento em que ela e seus amigos pararam o carro perto de um campo sob o efeito do cogumelo. Ela diz: "a gente parou, quando a gente abriu as portas do carro foi surreal, veio uma infestação de mosquito. Não sei se você já viu aqueles aglomerados de mosquito bem grande que quase forma um ser. Um monte de mosquito, aqueles borrachudinho, que quando a gente vai pro mato picam assim sabe? Entrou um monte

de mosquito e começaram a picar a nossas pernas e dava pra ver que estava conectado com a força, sabe?”. Hifa coloca: “parecia que a qualquer momento, te juro, ia se materializar assim fisicamente a força do cogu e parecia que ia começar a falar um monte, porque nossa cara, tava muito forte”. Embora nesta última fala as palavras do cogumelo não tenham por físico se “materializado”, como o que ocorre com Castañeda e o Mescalito, ele estava comunicando-se de alguma forma com Hifa e seus amigos. Esta força pode, inclusive, tomar forma de um aglomerado de mosquitos em um momento oportuno. Na verdade, Hifa aponta para esta possibilidade dizendo, mais além no relato, de que aquilo era um ensinamento “da força” através de uma lição um tanto quanto dolorosa.

Levando essa possibilidade a sério, isto é, de que as “substâncias psicodélicas” podem de fato comunicar-se - possibilidade esta levantada por Himênio e por Mckenna - pode-se pensar que Terence Mckenna não escreveu sobre os cogumelos, portanto; os cogumelos falaram sobre si através de Terence Mckenna... numa espécie de “psicografia psicodélica” do autor. E indo além disso, seria levar a sério a possibilidade dos cogumelos falarem de si através dessas páginas... falarem de si através de meus interlocutores. Pois, segundo o que traz Himênio (ou Mckenna, ou o cogumelo, ou o Alien), o cogumelo utiliza-se do corpo dos humanos para passar informações. Uso estas reflexões indo de frente para uma desconstrução sobre o que é, ou o que entendemos ser, comunicação. Indo além da linguagem, inclusive. Acontecendo através da ingestão de um pequeno fungo ou de outra substância e permeando a esfera do sentir.

Se estamos considerando a possibilidade do cogumelo comunicar-se comigo através destas histórias, entrevistas e observações dos meus sujeitos de pesquisa, surge a pergunta: de que forma ele se comunica? Que recursos são usados para estabelecer esse vínculo comunicativo comigo? Um dos recursos que observei, já que estou trabalhando com pessoas que já utilizaram o cogumelo psicodélico - seja comendo-os secos, naturais ou preparados em forma de chá - é ele ser, portanto, digerido pelo organismo daquele que me fala. Essa digestão vai além, no entanto, de processos químicos corporais e metabólicos. “Digerir”, neste sentido, refere-se a mergulhar em uma experiência psicodélica e abrir-se para as suas múltiplas significações. É importante que isto não se confunda com um discurso que pretende dizer que só se pode falar do cogumelo se conhecê-lo através de uma experiência psicodélica. Pode-se falar dos cogumelos (como no capítulo dois) através de ressonâncias discursivas e acredito

que a partir de outros recursos (como a literatura). Mesmo nestas situações podemos pensar que o cogumelo comunica-se (pode ser que para mostrar o que os outros pensam dele).

Percebo que há um outro recurso que o cogumelo usa para comunicar-se comigo, eu já o mencionei brevemente acima, algo que me foi apontado pelo próprio Himênio: a “literatura psicodélica”. As teorias que me refiro pertencer a Mckenna, e que foram de certa forma citadas por Himênio, fizeram-me olhar com mais calma e profundidade para o aparecimento da literatura psicodélica em suas falas. Eu queria saber mais, explorar a forma com que Himênio usa as teorias destes outros autores não somente na forma com que se comunica comigo, mas na sua forma de entender suas próprias experiências, e, além disso, seu entendimento de mundo.

Busquei então, internamente, uma maneira de questioná-lo sobre aquilo. Refletia calada aquele dia dentro do carro sobre este problema de pesquisa e ele, como se pudesse ler minha mente, respondeu sem que eu perguntasse e sem se importar com quaisquer consequências:

- Olha Vanessa, é importante que você pontue no seu trabalho que as ideias que eu te trago não são minhas. Eu estava trazendo conceitos de outras pessoas.

Acredito que exista uma interrelação entre o que Himênio sente em suas próprias experiências e o que os autores narram nisto que chamo de “literatura psicodélica”. Ao perceber que existe a possibilidade de Himênio usar elementos da literatura para explicar o que pensa das experiências psicodélicas, vem-me a relação entre ideias do que é ficção e realidade. Ao citar Terence Mackenna com sua teoria, Himênio interpreta, traz para si o que faz sentido daquela narrativa. Em “O Efeito e Realidade e a Política da Ficção (2010)” Jacques Rancière diz que “a ficção designa um arranjo de eventos, mas também designa a relação entre um mundo referencial e mundos alternativos” (RANCIÈRE, 2010; p.79), para o autor

“isso não é uma questão entre o real e o imaginário. Isso é questão de uma distribuição de capacidades de experiência sensorial do que os indivíduos podem viver, o que podem experienciar e até que ponto vale pena contar a outros seus sentimentos, gestos e comportamentos” (idem; ibdem)

O mundo referencial e mundos alternativos encontram-se quando Himênio traz para si a ficção (a citação literária) para elucidar uma experiência que viveu. Neste sentido, a “realidade” é passível de “tornar-se ficção”, e a ficção, “realidade” através das falas de Himênio. É importante ressaltar que a noção de realidade, o conceito do “real”, torna-se problemático se não for bem explorado. Mas de que forma explora-se o real? O que se entende por real? Acredito que a questão ficção versus não-ficção é presente tanto na Literatura quanto na Antropologia (ambas com iniciais maiúsculas) e postas frente a esta temática de pesquisa pode gerar reflexões férteis para estes desdobramentos. Este diálogo liga-se intimamente com a questão da construção de conhecimento dentro das ciências sociais, mais especificamente, da Antropologia da Ciência. Considerar a construção de conhecimento dos sujeitos enquanto factual, isto é, real, e até em certo ponto científica (tomando como ponto de partida a desconstrução do conceito de ciência ocidental onde embasa-se a maior parte do que se entende por conceitualmente real) é abrir caminho para diferentes tipos de saberes outrora considerados apenas como “crença”, ou seja, como categorias psicológicas e individuais de pouca relevância para uma análise social.

Estudar o cogumelo psicodélico e os discursos a ele relacionados põe em xeque este conceito tão espontaneamente quanto o próprio ato do contar. É por este motivo, talvez, que atitudes como a de Himênio o sejam para que a comunicação aconteça, recorrer a elementos narrativos como o uso de metáforas, como “internet da natureza” (que usou para falar sobre o que eram os cogumelos) e a outros sujeitos que experienciaram situações semelhantes sirvam para trazer a experiência, uma vez subjetiva, para o coletivo. E que este *contar é um saber*, um conhecimento que possui.

Himênio utiliza-se de um modelo. Pode-se dizer que este modelo funciona para explicar o que acontece? Penso que Himênio não é subjugado pelas palavras do livro, pelo seu poder de convencimento, ou tampouco tenta encaixar suas vivências perante aquelas teorias como se fossem palavras de ordem; tampouco o livro é subjugado por Himênio, que terá apenas sua teoria fortificada por alguém que pode experienciar. Talvez esta mesma literatura funcione de forma “ressonante” ao que experiência. A literatura pode servir a ele como vinculação com a realidade. Assim como coloca James Wood em “Como funciona a ficção”:

“em nossa vida de leitores diariamente encontramos aquele rio azul de verdade, serpenteando em algum lugar; topamos com cenas, momentos e palavras encaixados com perfeição na prosa e na poesia, no cinema e no teatro, que nos surpreende com

sua verdade, que nos comovem e nos sustentam, que abalam o edifício do hábito” (WOOD, 2008; p. 196).

Citando Brigid Lowe, Wood afirma que “a pergunta sobre o caráter referencial da ficção - a ficção faz afirmações verdadeiras sobre o mundo? - é descabida, porque a ficção não nos pede para acreditar nas coisas (num sentido filosófico), e sim para imaginá-las (num sentido artístico) [...] Quando contamos uma história, mesmo querendo ensinar uma lição, nosso objetivo primário é gerar uma experiência imaginativa” (WOOD, 2008; p. 191). Trazendo a literatura para sua fala, Himênio traz semelhanças entre o mundo da experiência (referencial) e o mundo da ficção (literário, alternativos) e desconstrói a separação que nós de antemão colocamos entre real e ficcional. Sua atitude coloca a mim, enquanto ouvinte e pesquisadora, propositalmente em um local de imaginação e reflexão. Ela me leva para algum lugar.

5. AVENTURA COMUNICATIVA - A HISTÓRIA DE UMA ASPIRANTE A ANTROPÓLOGA FRENTE PALAVRAS E COGUMELOS

Escrevi no início da etnografia que meu objetivo na pesquisa era tratar das relações e inter-relações entre humano e cogumelo. Penso também que há uma relação *forte* entre a “comunicação” das experiências e as histórias; e por último, entre as histórias e eu. No entanto, não estava previsto que outros elementos entrariam como interlocutores destas relações... A começar pelas próprias palavras, pelas quais esta etnografia está escrita, mas que não está limitada a si mesma, e muito menos a mim que utilizo deste recurso. Tampouco as “palavras” estão limitadas a interpretação do leitor agora, elas podem ampliar seus significados ao mesmo tempo que reduzi-los dependendo da sensibilidade com que essa leitura será feita. As “palavras” tomaram conta também das reflexões que tive ao longo do trabalho de campo. Digo “palavras”, entre aspas, para apontar que estou me referindo sobre o recurso pelo qual me comunico (pelo qual nos comunicamos) e com “palavras” você pode ler histórias, narrações, conversas.

Entretanto, histórias, narrações e conversas limitam-se às palavras? Acredito que exista toda uma performance do contar, toda a poética do evento que faz parte da interação única e impossível de repetir. Eis outro elemento que entrou na relação e no ato de relacionar-se com minha própria escrita! Se houve momentos em que eu torci para que eu pudesse passar algum momento ou fala para o papel através das palavras, em outros, e mesmo agora, eu agradeço pela limitação das palavras terem transformado meu campo em uma *observação constante da poética do momento presente*. Além disso, uma vez que se mostra como uma limitação não poder repetir uma cena toda com o maior realismo de todos, isso me é querido. Porque assim posso contar a você, leitor, mais sobre minha aventura sob a ótica da minha percepção em uma etnografia. Assim meu trabalho torna-se mais divertido, afinal de contas... Eis outro elemento inter-relacionando-se: o ato de escrever. O texto em si torna-se um *evento*. Quando leio os clássicos da Antropologia, mesmo que já os tenha lido outras vezes, sempre que o faço, tenho uma percepção diferente do texto. Leio sobre um outro prisma em um outro momento de vida. Assim se leitura é única, tornando o texto também um evento único ao ser lido e escrito.

Houve um elemento que se tornou a mudança definitiva de perspectiva e de direcionamentos para mim ao pensar a famosa “questão da pesquisa”. A literatura saiu das páginas, e de seu desenho enquanto palavras e termos, e foi parar nas histórias de um dos meus sujeitos de pesquisa. Enquanto contavam-me suas experiências, eles traziam-me uma série de autores que escreveram sobre suas próprias vivências psicodélicas. Essa amarração entre a literatura e o ato de contar apontaram para um caminho possível e interessante para a pesquisa, bem como ler um livro ou ouvir uma história pode mudar nossa forma de pensar, da mesma forma funcionara minha experiência em campo. A possibilidade de uma “epistemologia psicodélica”, a construção de um conhecimento válido sobre as experiências com psicoativos.

Para mim, em suma, a grande questão está na linguagem. Em como a experiência se torna algo (i)modulável por ela e ao mesmo tempo e, em alguma medida, comunicável. Ou pelo menos a minha esperança é que elas os sejam, primeiro porque eu, embora não compreenda a totalidade de uma vivência psicodélica com todas as suas cores e surpresas, consigo acionar mecanismos imaginativos e convidar o leitor a fazê-lo com seus próprias ferramentas de imaginação e de, obviamente, interpretação.

E mais ainda: a relação que esta linguagem que estará sendo interpretada e sua dimensão política, para adicionar mais um elemento permeante do meu texto. Spivak (1985) em seu texto “Pode o subalterno falar?” sugere que o texto é em si mesmo a teoria crítica. Para esmiuçar mais: o intelectual falando ou escrevendo sobre o outro já deveria ter em si uma crítica a seu próprio ato de escrever. Constantemente pego-me em uma posição paradoxal que quer entender o “outro” ao mesmo tempo em que nunca consiga representá-lo integralmente (tanto no sentido performático - de imitar a fala ou teatralizar sua presença pura no texto, e também no sentido de representação política em uma ativista por uma construção de qualquer que seja o tipo de conhecimento). Isto não é uma afirmação derrotista da impossibilidade de se construir conhecimento sobre o “outro”, mas é assumir o seu lugar de fala e entender que escrever sobre as narrativas que chegam até mim já são uma “tradução”, a princípio, invariavelmente intelectualizada, em forma de texto. Digo “a princípio invariavelmente intelectualizadas” porque esta tem sido a parte da rebeldia do meu texto, meu ativismo (se é para falar de política).

Meu orientador, que também é um perpassante frequente do meu texto e das minhas ideias, sugeriu o conceito de “ativismo epistemológico” (GROISMAN, Alberto). Isto é,

desconstruir a ideia de uma epistemologia engessada e categoricamente ocidental (eurocêntrica) e propor o engajamento em outras metodologias e formas de conhecimento. Isto reflete-se em pelo menos duas dimensões deste trabalho: primeiro, em assumir que as experiências trazidas pelos sujeitos de pesquisa constituem seu entendimento sobre o que é o mundo, e em suma, do que conhecem e criam sobre o que constitui suas vivências; em outras palavras, é admitir que as experiências que são compartilhadas, tanto comigo quanto entre si, fomentam um tipo de conhecimento que deve ser entendido como tal no estrito sentido da palavra. Isto é, não exotizar ou desconsiderar um conhecimento só porque ele parece diferente, afinal, ele não parece diferente porque já estamos condicionados a um determinado condicionamento de mundo?

Segundo, isto está presente (agora mesmo) em meu texto, uma vez que boa parte da minha escrita e de minhas reflexões baseiam-se na conjunção entre o que penso e o que recebo, mas tento, em alguma medida, aproximar-me de um diálogo (comigo mesma, com o leitor e com o sujeito de pesquisa) numa busca de uma linguagem diferenciada que brinca com a condição de intelectual ao mesmo tempo em que está bruscamente ligada a ela. Esta é minha condição enquanto pesquisadora. Pode ser que falar disso seja irrelevante, ou se for relevante talvez seja óbvio ou ainda insuperável... Mas acredito piamente que o ato de comunicar nunca é “chover no molhado” mas é construir um método de se expressar e de pensar, de saída ou de entrada, a própria Antropologia e seus mecanismos teorizantes e epistemológicos. Minha alternativa foi buscar minhas inspirações não somente em textos dos quais eu pudesse classicamente citar em minha bibliografia, mas trazer a intimidade da minha vivência e discussões com meu orientador, sentada em rodas de conversa ou dentro da sala de aula, filmes, letras de músicas e poesias de autores não tão conhecidos.

Uma das minhas inspirações por começar a trazer a discussões “de sala de aula” foi uma aula, oferecida pelo departamento de Antropologia. A professora contava que passeava de carro com seu filho e eles passaram por uma rua aqui de Florianópolis (Morro das Pedras) que dá uma vantajada vista para o mar enquanto se está dirigindo. Também é um local apropriado para ver baleias na época do inverno, quando elas sobem da Antártica em busca de águas mais quentes. Ela numa empolgação disse para o filho: - nossa, seria muito legal ver uma baleia agora! O filho (um tanto quanto pessimista, segundo a professora) riu e disse: - você é muito presunçosa, você acha que uma baleia vai aparecer agora só por que você quer?

Incomodada ela respondeu: - bom, elas podem não aparecer agora, mas fato é que elas estão embaixo do mar, e isto me basta!

Trazendo esta pequena narrativa para a sala de aula, a professora apontou a importância de assumir que existe um lugar onde as coisas acontecem e que essas coisas podem não ser visíveis. Fato é que temos que entender essas reverberações no mundo que não estão seguindo um modelo hegemônico de intelecto. O onírico (“o mundo dos sonhos”), por exemplo, não assume outro campo de relações que não necessariamente seguem a lógica ordinária do intelecto?

Assim como é o nosso caso aqui, substâncias que podem permitir o vislumbre de outras reverberações não percebidas em um estado “outro” de consciência, mas que estas coisas podem estar lá; ou se estão lá para um sujeito, isto faz toda a diferença dentro da sua socialização e vivência no mundo. E isto faz toda a diferença para pensar “uma cultura” ou uma forma de viver e entender o mundo. Penso que os cogumelos são fonte de inspiração para transgredir formas hegemônicas do pensar o mundo. Estas transgressões criam “novas”²³ formas de saber. Meu papel enquanto pesquisadora foi o de olhar para uma epistemologia construída “através” dos cogumelos e considerá-la como válida.

²³ Ou antes não tanto destacadas.

6. TRANSGRESSÕES FÚNGICAS DA EPISTEME PÓS-ABISSAL

Anna Tsing nos dá uma valiosa dica em seu texto “Margens Indomáveis”: “se você procura um mundo de companheiros mutuamente prósperos, considere os cogumelos”. (TSING, 2015; p. 182). O termo “simbiose” foi criado para descrever o líquen - interação entre um fungo e uma alga ou cianobactéria.

“Cogumelos são bem conhecidos como companheiros. O conceito de “simbiose” – convivência interespecífica mutuamente benéfica – foi inventado para o líquen, uma associação de um fungo com uma alga ou com uma cianobactéria. Nesta interação, o parceiro não-fúngico abastece o metabolismo do líquen por meio da fotossíntese; o fungo torna possível ao líquen viver em condições extremas. Ciclos repetidos de umidificação e dessecação não perturbam o líquen, pois o parceiro fúngico pode reorganizar suas membranas logo que a água aparece, permitindo a continuidade da fotossíntese (Jennings; Lysek, 1999, p. 75). Os líquens podem ser encontrados tanto na tundra gelada quanto em pedras ressecadas do deserto” (TSING, 2015; p. 182).

Alguns fungos permitem que árvores sejam capazes de crescer em solos pobres por trazer fósforo, magnésio e outros nutrientes diretamente para as raízes. Embora na maioria dos casos, segundo Tsing (2015), sejam os fungos que se alimentam das plantas, eles não são “egoístas”. “Eles trazem água para a planta e tornam os minerais do solo, ao seu redor, disponíveis para seu hospedeiro” (TSING, 2015; p. 182). Em outras palavras, eles estabelecem uma forte relação de simbiose (ou interrelação com seu meio). Na verdade, segundo a autora, todos os seres estabelecem estas interrelações, no entanto, os seres que são menos conscientes destas interações interespecíficas somos nós: humanos. Anna Tsing diz que “natureza humana” é um termo cunhado por sóciobiólogos e ideólogos conservadores com intuito de classificar a espécie humana num status superior ao de qualquer outra espécie. A própria palavra soa-me estranha, como se entre “natureza” e “humana” houvesse o apontamento de uma dicotomia ao usar estes dois termos separadamente, como se o termo natureza não bastasse. Segundo a autora, nossa ideia de *natureza humana*, na verdade, legitima a nossa *dominação*, ou melhor, a *domesticação* sobre o aquilo que não é humano (TSING, 2015).

A domesticação é uma linha divisória, uma linha de “pensamento abissal”, como coloca Boaventura (2007). Segundo este pensamento, há somente dois caminhos a serem

tomados, ou se está do lado humano ou do lado selvagem. Esta dicotomia gerada pela domesticação pode ser encontrada, inclusive, em algumas antropologias²⁴ que tendem a colocar o “outro” (e o leitor fará o favor de colocar ênfase nas aspas) como algo exótico e selvagem, em extremo: não humano. Em relação a outras espécies, seguindo o pensamento de Anna Tsing (2015), por meio de uma dicotomia como essa, espécies “domésticas” são aprisionadas e submetidas a uma série de modificações genéticas ligadas a mecanismos de controle, enquanto as selvagem são “preservadas em bancos de germoplasma enquanto suas paisagens multiespécies são destruídas” (TSING, 2015; p. 185).

Pensar na espécie humana como algo separado de seu ambiente, mais propriamente, separada deste *selvagem*, é entender uma *independência* daqueles para com estes. Esta separação, ao menos para mim, é inoportuna porque ela pode dificultar o exercício de pensar na correlação entre as espécies... ela dá margem a um *ideal* isolamento dos homens (e das mulheres) frente ao mundo que habitam.

“o excepcionalismo humano nos cega. A ciência herdou das grandes religiões monoteístas narrativas sobre a superioridade humana. Essas histórias alimentam pressupostos sobre a autonomia humana e levantam questões relacionadas ao controle, ao impacto humano e à natureza, ao invés de instigar questões sobre a interdependência das espécies” (TSING, 2015; p. 184)

O mesmo tipo de pensamento que produz estas divisões está presente na forma com que nos vemos em relação a outras espécies e, culturalmente, na forma com que construímos o conhecimento. Segundo Boaventura Santos, “o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal” (BOAVENTURA; 2007; p. 23). O conceito de pensamento abissal representa um “sistema de divisões”, ou melhor, “de distinções”. As distinções são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’ (idem; *ibidem*). Para o autor, a divisão toma uma magnitude que o “outro lado da linha” passa a inexistir. E tudo aquilo que é produzido dessa forma é radicalmente excluído “porque permanece exterior ao universo que a própria concepção aceite de inclusão considera como sendo o Outro” (idem; p. 23 - 24). Dessa forma, a coexistência dos dois lados da linha se torna inconcebível, “este lado” só permanece da mesma forma se o “outro lado” for uma

²⁴ Antropologia Evolucionista, que tem como maior exemplo James Frazer.

impossibilidade existencial, assim, o tratamos não com simples indiferença, mas com invisibilidade.

No campo do conhecimento, Boaventura afirma que o pensamento abissal está onde a ciência moderna ganha seu monopólio de dizer o que é verdadeiro e o que é falso na fronteira com a teologia e a filosofia. Embora existam tensões entre ciência e religião e elas o sejam já a muitos séculos visíveis, elas só assim o são porque

“a sua visibilidade assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não encaixam em nenhuma destas formas de conhecer. refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha. Eles desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além do universo do verdadeiro e do falso. é inimaginável aplicar-lhes não só a distinção científica entre verdadeiro e falso, mas também as verdades inverificáveis da filosofia e da teologia que constituem o outro conhecimento aceitável deste lado da linha” (BOAVENTURA, 2015; p. 25).

A tensão entre teologia e ciência existem pois ambas existem “deste lado da linha” do pensamento abissal. Quando há conhecimentos que desafiam ambas as lógicas (tanto a científica quanto a teológica), estas ideias não são tratadas como conhecimento “do outro lado da linha”, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objectos ou matéria-prima para a inquirição científica” (BOAVENTURA, 2015; p. 25). Qualquer transgressão aos formatos de conhecimento ou a forma de construí-lo (epistemologia) é destrutada enquanto saber ou forma de entendimento de mundo.

Na pesquisa *com* os cogumelos (sim, com, pois considero que foi construída em conjunto com estes seres, como mencionei acima), encontrei-me com formas diferenciadas de entender as experiências psicodélicas. Formas estas que considerei bastante relevantes no que diz respeito de uma construção de conhecimento, na forma de entender o mundo. Assumi, anteriormente, que iria levar as palavras dos meus sujeitos de pesquisa “a sério” e disse sem explicar muito que isto era uma “atitude política”, apontando para a ideia de ativismo epistemológico e concordando com Boaventura (2007) que diz que “a resistência política deve ter como postulado a resistência epistemológica. Como foi dito, não existe justiça social global sem justiça cognitiva global” (BOAVENTURA, 2007; p. 43).

O autor diz que isto (esta tarefa crítica) não pode se limitar em encontrar alternativas, “ela requer, de facto, um pensamento alternativo de alternativas. É preciso um novo pensamento, um pensamento pós-abissal”. Este pensamento defenderia que a compreensão do

mundo vai muito além, inclusive cognitivamente, da compreensão ocidental do mundo, isto é “a nossa compreensão da globalização é muito menos global que a própria globalização” (BOAVENTURA, 2007; p. 43). Boaventura afirma que quanto mais compreensões não-ocidentais identificarmos, mais “evidente se tornará o facto de que muitas outras continuam por identificar e que as compreensões híbridas, que misturam componentes ocidentais e não-ocidentais, são virtualmente infinitas” (idem;ibidem).

Levar a sério, portanto, o conhecimento que os sujeitos de pesquisa estão trazendo é considerá-los como uma possibilidade. No caso de Hifa, é considerar a possibilidade que ela aponta para a relação de aprendizado que teve com o cogumelo. No caso de Hifa e de Himênio é assumir enquanto verdadeiras suas experiências e entender os mecanismos pelo qual estas experiências estão sendo comunicadas - seja pela literatura, seja por dizer que é indizível. É considerar como possível um ser de outra espécie comunicar-se com estes sujeitos - como eles apontam - e provocar-me até que eu considere que o cogumelo está também comunicando-se comigo.

Segundo Anna Tsing (2015), os fungos parecem “não gostar de domesticação”. Segundo a autora, quando uma plantação é monocultura, ela fica muito mais suscetível a fungos e doenças causada por estes. Por causa da falta de variabilidade genética, as plantas não possuem forma de se tornar resistentes a eles, tornando os fungos “fitoparasitas” conhecidos por serem inimigos da humanidade e do progresso. Quando, na verdade, os fungos são um tipo de indicador da espécie humana. A autora traz o exemplo do fungo *Serpula lacrymans*, conhecido como fungo da podridão seca. Antes da invasão britânica, ele era encontrado apenas no Himalaia. O fungo proliferou na madeira dos navios e viajou o mundo tornando-se uma “praga”. “Como nesse exemplo, a presença dos fungos geralmente nos fala sobre as mudanças nas práticas de ser humano. A domesticação dos humanos é um lugar por onde começar” (TSING, 2015; p. 185).

Os fungos parecem ser inimigos das monoculturas e dos monocultores (TSING; 2015). O título do texto “Margens indomáveis” aponta para o que a autora entende sobre o que são os cogumelos: espécies que estão na margem, crescem na beirada das árvores, escondidos em campos... são indomáveis porque não foram domesticados²⁵ (raras espécies sofreram sérias alterações genéticas) “os champignons do supermercado são o mesmo *Agaricus bisporus* que cresce nos campos. Os fungos são onipresentes, eles seguem todos os

²⁵ Embora se possa argumentar que Himênio

nossos experimentos e desvios” (TSING, 2015; p. 185). Embora os fungos sejam onipresentes, os cogumelos “se reúnem nas bordas” (idem; p. 194). Eles estão na margem.

Nesta pesquisa os cogumelos aparecem como se crescessem nas margens úmidas do abismo que forma o pensamento moderno, recusando-o ou, no mínimo, alertando para suas fronteiras. O cogumelo apontou para mim a possibilidade de uma interrelação, de uma quebra de dicotomias entre humanos e não-humanos... o cogumelo psicodélico apareceu no texto contra o pensamento domesticado (o pensamento abissal). Desta forma, torno as palavras de Anna Tsing as minhas e digo que “esse material apresenta um argumento fúngico contra um ideal tão arraigado como o da domesticação”. Opondo-se assim a um modelo único de conhecimento.

Sendo assim, as narrativas e histórias dos meus sujeitos de pesquisa não estão dentro de explicações de mundo dadas nem pela ciência ou pela teologia e filosofia ocidentais. Existe a possibilidade delas apontarem para além de um pensamento alternativo, mas um pensamento pós-abissal, onde cogumelos e humanos possam construir juntos o conhecimento nesta simbiose própria do ser fúngico.

7. AINDA EM TEMPO PARA INCONCLUSÕES

Neste trabalho usei continuamente a expressão “aponta”. Fiz “apontamentos”, disse que as palavras “apontam” para aquilo que significam, que escrevemos “apontando” para o que queremos dizer. Esta palavra foi uma inspiração provinda de um poema que li:

É que tenho uma clareza aqui
E toda chuva de alfinetes
Vem do céu particular de bexiga.
Falando em pontiagudices
Encontrei numa gaveta de uso diário
O amolador das palavras
Palavras apontam
E quanto mais pontudas
Mais se olha para a ponta
Não para o que se aponta
Essa agudice toda é provocada
Pelo pensamento exacerbado
Essa ferramenta fica pontiagudando palavra
E palavra torna-se cada vez mais pontuda
Chegando a uma alegoria enfeitada
Aquele que a encontra
Apaixona-se pela ponta da palavra
Abraça ela e
Fica achando que a vida é isso
Alfinetes e pontas de palavras.
Estourando céus.
Mas também não quero lançar pontas com desgastes:
deus, amor, tudo, nada.
Fato é que enquanto a etimologia do escrito
For mais importante que o sujeito

Enquanto o minúsculo circuito intelectual
For a tônica do prazer
O horizonte é a esquina
É que a poesia está para onde a palavra aponta.
(Caio Kim).

A poesia está, para onde a palavra aponta. É que a palavra em si não faz a poesia, mas aponta para o sentimento do poema. Nesta etnografia, deixei-me percorrer pelas diferentes narrativas e suas múltiplas significações. Comentei sobre o desafio que é escrever e sobre as palavras por vezes serem limitadas para atingir o que quero passar em meu escrito. De uma forma ou de outra, espero ter feito que o horizonte fosse mais intangível que a dobra da esquina. Digo, que minha intelectualidade não tenha neste impulso querido achar todas as palavras para explicar qualquer coisa. As palavras que usei “apontam”, a coisa em si vai muito mais além. Escrever sobre narrativas que desafiam a lógica racional e que nos despertam os mais variados sentimentos, na tentativa de etnografar experiências psicodélicas, é um desafio, ainda assim um desafio prazeroso.

Os cogumelos aparecem nestas linhas não como uma “substância” que simplesmente se utiliza, mas como um *interlocutor*. Ele abriu a possibilidade de uma comunicação interespecífica; contou histórias; caçou a pesquisadora que julgava caçá-los. Esta inter-relação produtiva rendeu reflexões que permearam universos do perigo e do fantástico, do aprendizado e da literatura. Intercalaram-se seres de outras cores e outros planos. “Falou” através de mosquitos e manifestou-se através das palavras.

Não sei como os cogumelos gostariam que eu acabasse meu escrito. Quando me vejo escrevendo os últimos parágrafos da etnografia, tenho a sensação de que tempo e espaço se diluem. O que eu escrevi no começo transforma-se em algo diferente agora. O agora torna-se o fim e nos encontramos no aparente final da etnografia. Só tenho a dizer que espero que estas reflexões continuem gerando outras, e estas outras, e assim por diante.

Acredito que toda boa ideia sempre abre espaço para uma continuação. Ela não encerra seu dito com uma afirmação ou certeza... abre-se para o infinito das possibilidades de acabar, inclusive-se negando a isto (até porque, nem tem escolha). Que o leitor entenda que este final aponta um começo, e que um novo começo apontará outro inconcluso e algumas reflexões e o início de outras. A mim basta-me que tenha sido uma cientista maluca de avental

colorido colocando uma série de perguntas aos leitores e leitoras (que são interlocutores e interlocutoras) e que eu tenha provocado, com a ponta do alfinete das palavras, ao menos um apontamento sobre isto tudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELMANTO, Júlio, Para além da “fuga da realidade”: outras motivações para consumo de psicoativos na contemporaneidade. **Saúde & Transformação Social / Health & Social Change**, 2013.

GOULART, Sandra Lucia. Estigmas de grupos ayahuasqueiros. In: LABATE, Beatriz Caiuby et al. **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: Edufba, 2008. p. 251-288.

GROISMAN, A. . '**Expansão Religiosa' e 'Modernidade'**: notas para um debate contemporâneo. In: XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, 2012, São Luis, MA. Anais do XIII Simpósio Nacional da ABHR, UFMA, 2012. São Paulo: Revista Eletrônica Plura, 2012.

LATOURE, Bruno. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 15, n. 14-15, p.339-352, jan. 2006.

SANTOS, Boa Ventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, p.1-45, set. 2016.

STAMETS, Paul. **Growing Gourmet and Medicinal Mushrooms**. China: Copyright, 1993.

OLIVEIRA, R. C.. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista de Antropologia**: USP, São Paulo, v. 39, n. 1, p.13-37, jan. 1996

RANCIERE, Jacques. 2010. “O efeito da realidade e a política da ficção.” **Novos Estudos 86**: 75-90.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, [s.1], v. 17, n. 1, p. 117-201, 25 nov. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

WASSON, Gordon. **Persephone's Quest**. Eua: Copyright, 1986.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MACKENNA, Terence. **O retorno à cultura arcaica**. Rio de Janeiro: Record, 1991.